

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DAS LICENCIATURAS INTERDISCIPLINARES
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA

POLIANA CRUZ DA SILVA

HISTÓRIA, CIÊNCIA E LITERATURA: colaborações de Hayden White

SÃO BERNARDO
2022

POLIANA CRUZ DA SILVA

HISTÓRIA, CIÊNCIA E LITERATURA: colaborações de Hayden White

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alina Sousa Silva de Miranda

SÃO BERNARDO
2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Silva, Poliana Cruz da.

História, ciência e literatura : colaborações de
Hayden White / Poliana Cruz da Silva. - 2022.
53 f.

Orientador(a): Alina Sousa Silva de Miranda.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -
Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, São
Bernardo, 2022.

1. História. 2. Literatura. 3.
Narrativa. 4. Teoria. I. Miranda, Alina
Sousa Silva de. II. Título.

POLIANA CRUZ DA SILVA

HISTÓRIA, CIÊNCIA E LITERATURA: colaborações de Hayden White

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia.

Orientador: Prof. Dra. Alina Sousa Silva de Miranda

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a. Alina Silva Sousa de Miranda (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Wandelson Silva de Miranda
Universidade Federal do Maranhão
1º examinador

Prof.^a Dr.^a. Rachel Tavares de Morais
Universidade Federal do Maranhão
2º examinador

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de expressar a minha enorme gratidão e felicidade a meu Deus, pois até aqui estive e continua a me sustentar, creio que não me deixou faltar inspiração, ao sucesso e conclusão desta escrita devo primeiramente a Ele.

Sigo meus agradecimentos à minha orientadora Prof.^a Dr.^a Alina Silva Sousa de Miranda, que veio me auxiliando neste percurso desde meu primeiro contato ao mundo universitário, as suas primeiras aulas de Introdução a História (não esquecerei) me encheram de entusiasmo. Também não poderia esquecer da entrada ao grupo de estudo Histor que logo se tornou grupo de pesquisa, tive o privilégio de inaugurar junto aos meus amigos (que também amam história), assim como a sua ajuda durante meu processo de escrita, inclusive me apresentando Hayden White, foi fundamental, sou grata.

Presto meus agradecimentos também a meus amigos de formação e vida: Arnaldo, Marielle, Leticia e Deiliane, pois me ajudaram com palavras e incentivo neste longo processo que vivemos juntos. Ressalto também meus agradecimentos a minha família que me ajudou enormemente, principalmente minha mãe no período inicial da pandemia, sempre me apoiando e ajudando no que podia para que eu pudesse seguir com o curso e chegasse até aqui. Agradeço também a uma pessoa em especial que de forma direta e indiretamente estive junto a mim nesse processo, não mediu esforços para me ajudar, a você sou grata, Felipe França.

E por fim, mas não menos importante, agradeço a todos que não pude citar aqui, mas que me incentivaram a chegar a defesa deste trabalho tão sonhado. Desde já quero agradecer a banca que prestigiou meu trabalho onde tive o prazer e honra de compartilhar o resultado deste trabalho final.

A todos: muito obrigada!

O objetivo do historiador é explicar o passado através do “achado”, da “identificação” ou “descoberta” das “estórias” que jazem enterradas nas crônicas [...] a diferença entre “história” e “ficção” reside no fato de que o historiador “acha” suas estórias, ao passo que o ficcionista “inventa” as suas.

(Hayden White)

RESUMO

Este trabalho apresenta as colaborações de Hayden White para dentro da história a partir do livro meta-história e artigos. O objetivo deste trabalho é apresentar a relação da história com a literatura e a ciência, será essa relação que compreenderá a própria escrita da história. A defesa de White sobre esta escrita formada a partir da linguagem, carregada de interpretação e até mesmo ficcionalidade realocou as fronteiras entre ciência e literatura dentro da disciplina, evidenciando a narrativa no cerne do debate historiográfico que ultrapassa o cientificismo ingênuo, mas sem recorrer ao relativismo narrativo. Para que fique compreensível o objetivo deste trabalho é proposta uma discussão sobre o problema da narrativa, como estas eram vistas, destacando-se movimentos importantes que guiaram essa problemática até o início do novo paradigma história/literatura que começava a se consolidar, chegando assim até as propostas de White. Tentamos destacar como conclusão a importância que a relação história e literatura causaram nas narrativas históricas, assim como entender como isso atingiu o ofício do historiador através dos estudos de White e por fim as críticas que este recebeu.

Palavras-chave: História. Narrativa. Teoria. Literatura

ABSTRACT

This paper presents Hayden White's collaborations into history from the book *Metahistory* and articles. The purpose of this paper is to present the relationship of history to literature and science, it will be this relationship that will understand the writing of history itself. White's defense of this writing formed from language, loaded with interpretation and even fictionality relocates the boundaries between science and literature within the discipline, highlighting the narrative at the heart of the historiographical debate that goes beyond naive scientism, but without resorting to narrative relativism. In order to understand the objective of this work, we propose a discussion about the problem of narrative, how it was seen, highlighting important movements that guided this problematic until the beginning of the new paradigm of history/literature that was beginning to consolidate, thus arriving at White's proposals. As a conclusion, we try to highlight the importance that the relationship between history and literature has caused in historical narratives, as well as to understand how this has affected the historian's craft through White's studies and, finally, the criticism he has received.

Keywords: History. Narrative. Theory. Literature

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	PROBLEMA DA NARRATIVA ENTRE OS HISTORIADORES DO SÉCULO XIX.....	12
2.1	Ambições científicas.....	12
2.2	Historicismo: o impacto da crise epistemológica à preocupação de uma história narrativa.....	18
2.3	Compreendendo literatura (arte) e história (ciência).....	21
3	INFLUÊNCIAS EM HAYDEN WHITE.....	26
3.1	Giro linguístico e influência da crítica literária.....	26
3.2	Influências do estruturalismo.....	30
4	META-HISTÓRIA EM HAYDEN WHITE.....	36
4.1	A teoria da obra historiográfica e dos trópicos do discurso em Hayden White.....	41
4.2	White e seus críticos.....	44
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
	REFERÊNCIAS.....	51

1 INTRODUÇÃO

Hayden White historiador contemporâneo norte-americano (falecido em 2018) movimentou a História trazendo consigo uma nova historiografia que não assumia mais parceria com a objetividade, neutralidade e cópia exata do passado. Por sacudir o terreno pacífico da historiografia até então, White é condenado por trazer a relatividade para dentro de uma história científica. Agitou os parâmetros historiográficos tradicionais ao dizer em uma de suas obras que as narrativas históricas não passariam de “ficções verbais cujos conteúdos são tanto *inventados* quanto *descobertos* e [...] têm mais em comum com os seus equivalentes na literatura do que [...] nas ciências” (WHITE, 2001, p. 98). Isso foi o bastante para que a História entendesse o perigo que estava correndo ao ferir sua tentativa de distanciamento da literatura ou arte cuja produção do conhecimento não se preocupava com a objetividade e realismo das narrativas.

White só começa a ter seu nome destacado ao ser considerado um dos percussores da guinada linguística que influencia mais tarde diretamente a escrita da história, dando à linguagem um papel de destaque que antes não tinha. White se deixa influenciar tanto por essa guinada que ganha força com ele, como com a Crítica literária e Estruturalismo de Lévi-Strauss, fortes movimentos que geraram impacto na construção de seu livro *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*¹. A partir desse livro e de alguns ensaios seus, nasce uma estrutura para sua teoria da história que de acordo com Stone “designa a organização de materiais numa ordem de sequência cronológica e a concentração do conteúdo numa única estória coerente, embora possuindo sub-tramas” (1991, p. 13). White assim cria uma estrutura que aliada à literatura organiza as narrativas facilitando a escrita do historiador.

Mesmo sendo severamente e até precipitadamente criticado por gerar relativismo na história, White não deixa de se preocupar com esse mesmo relativismo que lhe julgam, trazendo consigo uma teoria tropológica “neutra” que identificasse os textos historiográficos, fruto de um cientificismo vindo da crítica literária apropriado por White. A importância que este trabalho traz é entender a contribuição que o autor coloca em questão para dentro da escrita da história a partir da relação história, literatura e ciência, causadas pela grande influência que White recebe da literatura. A partir da teoria de White o que se discutirá será uma história que não se prende mais na semelhança com as ciências exatas enquanto portadora de uma cientificidade verdadeira.

¹ Primeiro livro escrito por White do início ao fim, levando em consideração que no livro *Trópicos do Discurso* foram junções de ensaios publicados ao longo de sua vida.

Discutiremos primeiramente a situação da história com as narrativas antes da chegada de White destacadas no primeiro capítulo. Segue-se assim ao segundo capítulo que trata das influências tidas por White, desde o Giro linguístico, Crítica literária ao Estruturalismo, finalizando o terceiro capítulo com as obras de White desde Meta-história destacando seu modelo tropológico, apresentando também algumas críticas recebidas.

Trabalhamos com os estudos de Rizzo (2009) autor que trouxe um aparato de extrema importância ao tocar nas discussões do autor em foco (Hayden White) visto em panorama geral, assim como Reis (2000) que trouxe suas contribuições para compreensão do historicismo. Seguem-se as contribuições de Malerba (2016) em uma de suas organizações que esclarece muito bem a visão de literatura e história. Fontes (2020) e Silva (2015) dois dos vários autores que contribuem enormemente para compreensão do giro linguístico, logo mais se destaca a figura de Lévi-Strauss e Ferdinand de Saussure (muito bem comentado por Rizzo) que trouxeram grande influência para teoria de White.

Será este o percurso que tentamos traçar para que o leitor possa compreender da melhor forma o objetivo central deste trabalho. Destacamos inclusive não somente as contribuições de White como também as críticas que se mostram fundamentais para que assim o leitor se sinta confortável e conclua por si mesmo até que ponto Hayden White contribuiu para dentro da história.

2 PROBLEMA DA NARRATIVA ENTRE OS HISTORIADORES DO SÉCULO XIX

2.1 Ambições científicas

A história ambicionou seu espaço entre as ciências desde o início do Positivismo, movimento que defendia a ideia de leis gerais² assim como as Ciências Naturais, herdando traços fortes do Iluminismo³. Será a partir da apropriação conservadora das ideias iluministas pela Revolução Francesa que se ganhou vigor na tentativa de eliminar o antigo regime em solo francês⁴. Era a partir desse antigo regime denominado absolutista que somado a seus interesses pessoais ao da igreja católica, criava-se uma opressão, opressão que foi quebrada com a força do iluminismo nessa revolução contra o poderio presente.

Antoine Nicolas de Condorcet foi um dos pensadores do Iluminismo revolucionário desta época que defendeu uma neutralidade às Ciências Sociais pensando em uma “matemática social” que fosse válida a toda humanidade na tentativa de liberar a França da opressão política imposta pelo regime absolutista.

Foi a partir da razão e imparcialidade científica, fruto das ideias iluministas, que o discurso revolucionário ganhou força, no entanto, a passagem desse discurso revolucionário para a chegada do discurso mais conservador Positivista só teve bom êxito com o acompanhamento do assentamento da burguesia após a revolução (BARROS, 2010).

O positivismo traz como herança do iluminismo o ideal de ordem e progresso, sendo dentro desses ideais que a historiografia no século XIX cria repletas referências, se firmando nessas ideias positivistas. Thomas Buckle descontente com a falta de generalização dentro da historiografia de seu tempo insiste ele mesmo em criar uma aproximação entre História e as Ciências Naturais, em sua proposta generalizante ele diz: “ainda espero realizar para a história do homem algo equivalente, ou pelo menos análogo, ao que foi realizado por outros investigadores para os diferentes ramos da ciência natural” (BUCKLE, 1861, p. 5;

² De acordo com Barros (2010) o princípio das leis gerais diz respeito à objetividade metodológica, semelhante ao das ciências naturais, em que a neutralidade do historiador deve se desvincular de seu objeto de estudo e observá-lo à distância.

³ Movimento filosófico do século XVIII composto por intelectuais que defendiam a disseminação do saber regido pela razão em contrapartida ao intelecto religioso até então forte.

⁴ Barros dirá que essa Revolução veio como uma maneira de libertar a França “dos grilhões de ignorância como das opressões políticas e sociais impostas pelo Antigo Regime” (2010, p. 78)

tradução nossa)⁵. Esse olhar mais panorâmico dentro da história de acordo com ele seria a salvação da humanidade, em sua análise.

No fim do século XIX esta mesma corrente historiográfica positivista francesa, influenciou o início do pensamento da Escola Metódica, também de origem francesa. Os metódicos acompanhavam as ideias positivistas, principalmente a História como ciência, mas diferente dos positivistas, não estavam interessados em buscar uma lei geral para explicar uma história universal. Essa Escola preocupa-se em escrever manuais com ideias positivistas, como o famoso manual conhecido por *Introdução à História*.

Ideias metódicas foram anunciadas mais a frente por Fernand Braudel⁶ como uma historiografia tradicional, até mesmo retrógrada apegada à formalidade dos documentos escritos, pois afirmavam que o dever do historiador seria apenas esperar que as fontes deixassem os fatos falarem por si.

Dentro dessa história científica e crença de que o verdadeiro significado poderia ser extraído assim como seus originais, também em consideração a ideia da história ser constituída de uma epistemologia própria e autônoma, nasce um *Reconstrucionismo* que se baseia na ideia de máximos cuidados na tarefa do historiador de conhecer a história como ela realmente aconteceu.

G.R. Elton⁷ insiste que o trabalho do historiador é pautado em investigações racionais, independentes e imparciais dos documentos do passado, assim como defende o senso comum empirista da história baseado na cientificidade para que possa ser compreendida. O autor ainda busca pela eliminação do relativismo, presente dentro da ideologia que para ele é um forte inimigo do empirismo histórico.

Na visão desse reconstrucionista, a ideologia seria uma das piores doenças contagiosas para voz do historiador em sua escrita, pois não atingiria a objetividade. “Isso pode levar apenas a uma perspectiva de uma história escrita degradada por um ponto de vista particular. A voz do historiador não deveria jamais abafar a voz da história” (MUSLOW, 2009, p. 36). Assim, a função da história seria manter seu papel neutro para benefício próprio e não para comentar sobre o passado a partir do presente.

⁵ “still I hope to accomplish for the history of man something equivalent, or at all events analogous, to what has been effected by other inquirers for the different branches of natural scienc” (BUCKLE, 1861, p. 5)

⁶ Historiador francês sendo um dos representantes da chamada Escola dos Annales.

⁷ Historiador nascido na Alemanha, considerado um forte reconstrucionista, contribuiu com a história da Inglaterra.

Arthur Marwinck (também reconstrucionista) unido a Elton defendia que a História e as Ciências Sociais eram distintas, pois a História se apoiava em um material bruto, documentos únicos e relíquias do passado, logo seria inviável a formação de construções teóricas e mesmo que houvesse a tentativa, não haveria bom êxito, pois suas construções estariam carregadas de ideias abstratas que o historiador não poderia aceitar. A história reconstrucionista radical seria a própria história, não possuindo nem admitindo eixos socio teóricos e filosóficos para se sustentar.

É ainda dentro dessa história científica que nos reportamos à Alemanha do século XIX, onde as bases de validade científica recaem sobre a história tanto teórica quanto metodológica, destaca-se a imagem do historiador Leopoldo Von Ranke⁸, considerado um dos fundadores da Escola histórica alemã, que traz para dentro da história um estatuto fortemente científico.

A história ganha um método e “cientificidade” relativa em virtude da consciência do historiador (sobre seus sentimentos e interesse) e liberdade de escrita começa a rabiscar seu entendimento sobre seu objeto de estudo (passado), um dado que não se modificará. Esse conhecimento abre espaço para se entender que o estudo sobre este passado é algo em constante processo e que ao decorrer se aperfeiçoa. (FUNARI; SILVA, 2008).

Esse aperfeiçoamento foi bem visto em Ranke, que defendia a instalação da crítica documental⁹ a partir das análises de documentos que focavam na sua autenticidade. Vale lembrar que no contexto de Ranke tinha-se um cenário arquivista, ligado à diplomacia por seu cargo ao longo do tempo, esse cenário o fez defender uma história nacional.

Toda essa atenção direcionada a documentos e arquivos trouxe para a história um ar ainda mais forte de cientificidade pura. O objetivo era colocar essa história dentro de uma ideia cristalizada de disciplina confiável e verdadeira, por isso Ranke, preocupado com essa História cuidadosamente sistematizada, trouxe a análise das fontes primárias – que seria a primeira fonte, objetiva e real - que isolava possíveis interrupções ao original, seguidas pelas fontes secundárias, que destas seriam extrair as informações primárias, tudo isso com o

⁸ Historiador alemão do século XIX, conservador, fundamentou suas ideias na defesa de que as narrativas do passado deveriam ser relatadas por todo historiador com total veracidade, pois o passado só poderia ser contado tal qual um dia foi, sem pôr nem tirar.

⁹ Sobre a crítica documental, Barros dirá que será um procedimento que todo historiador deveria fazer para confiabilidade de suas fontes serem atestadas. “passam a atribuir à documentação um lugar essencial para a análise histórica. A atenção central à ‘fonte de época’, e a uma metodologia que a permitisse abordar com maior precisão, constituiu o vértice de partida do ideário historicista, cumprindo notar que os historicistas sempre insistiram acertadamente em fazer notar que esta atenção às fontes deve ser acompanhada pela consciência de que qualquer documento ou texto foi um dia produzido por seres humanos sujeitos a contextos históricos e interesses específicos” (2013, p. 978)

objetivo de desenvolver procedimentos confiáveis, que relatasse o que realmente aconteceu no passado. Assim sua crítica rigorosa garantiria a verdade, retirando de uma vez por todas o ar literário que as narrativas do passado tinham, trazendo a ciência para dentro delas. (RÜSEN, 2016)

Com a necessidade estabelecida de contar o passado exatamente como aconteceu, se estabeleceu dentro da historiografia, regras de método a serem seguidas, métodos pelos quais segue a crítica documental. Perguntas deveriam ser feitas aos documentos, para se situar melhor as origens dos textos no tocante a autoria e/ou instituição relacionada, perguntas estas que, apesar de parecerem ingênuas num primeiro momento, para Ranke eram importantes e representativas, pois dava abertura às indagações posteriores, delineando num conjunto uníssono, uma percepção clara com relação ao cenário/contexto o qual se debruçava o historiador.

Todo esse procedimento era feito para que a história não tivesse contato com nenhum gênero literário ou qualquer artimanha que se distancia da busca da verdade. O meio de investigação já consolidado em Tucídides e Heródoto se tornou aliado, o método crítico.

Instrumento para produzir verdades. Duvida-se do documento e do testemunho, mas para torná-los “confiáveis”, isto é, expressões do real em si. Temem dar fé, evitam ser crédulos, para não recaírem no inverossímil. (REIS, 2000, p. 331)

Ranke via a importância de confrontar os documentos para entender seu grau de confiança, vale dizer que dentro desse método rigoroso nem mesmo os antigos vistos como pais da história escapavam de análises minuciosas. Eram feitas sequências de indagações que melhor identificasse a exatidão dos fatos, assim como a identificação de má-fé ou erros por parte do autor que comprometesse a rigorosidade que deixava cada vez mais forte a história científica, o historiador deveria ter um olhar microscópico e seu pensamento precisaria ser uma cópia fiel do passado.

Ranke também advogou em favor da importância do resultado da pesquisa a exame público, mas “é a consciência de que a fonte histórica é atravessada pela relatividade relacionada aos aspectos humanos e aos interesses sociais que produzem a documentação” (BARROS, 2013, p. 999). O documento histórico permanece como testemunha dos acontecimentos passados e fonte objetiva, mas também passa a ser visto como um discurso atravessado por subjetivismo que deve ser criticado e desmontado com desconfiança, pois é reconhecível que essas fontes são produzidas por seres humanos carregados de sentimentos, interesses e valores.

A atenção agora recaiu sobre o discurso(s) usado nas fontes. Será Ranke o responsável pelos primeiros passos em direção ao reconhecimento do relativismo humano (movimento historicista visto a frente) que aprofundou os historicistas do século XIX nessa análise do discurso influenciando os estudos em historiografia.

Ranke aponta que mesmo de forma bem discreta, a historiografia possui um caráter reprodutor na habilidade de recriar, “esse elemento é o direcionamento da mente humana e de suas forças da consciência histórica rumo ao real, o qual é comum tanto à força intelectual da história quanto à artística” (RÜSEN, 2016, p. 90).

Ranke apoiava a singularidade dos diferentes períodos da História assim como via dentro dela o “dedo de Deus”, pois para ter toda proteção que o historiador precisava para executar bem seu trabalho seriam necessários favores divinos. Barros ainda diz que mesmo ele não sendo um devoto, havia traços de religiosidade sobre sua historiografia (2013). Somado a tudo isso, Ranke considerava-se conservador, pois defendia abertamente seu Estado-Nação (Alemanha) do qual era funcionário, logo, todos esses atributos os faziam pender a defesa incansável de uma História verdadeira e singular.

Com o passar do tempo e já no fim de sua carreira, o autor já não parecia totalmente confiante como no início, pois sua defesa de história singular passou a assumir uma visão relativista, surge o repensar sobre algumas de suas concepções teórico-críticas.

Ranke parece reconhecer as dificuldades de “apagar o eu”, embora continue predicando o esforço de neutralidade como um horizonte, na medida do possível, a ser observada pelo historiador [...] Ranke dos primeiros tempos e o velho Ranke que já reconhece as “dificuldades de anular o Eu”. (BARROS, 2013, p. 1001)

Assim, percebem-se aberturas para um reconhecimento de que a possibilidade de resgatar um passado cristalizado seria impossível. A arte enquanto extinta de regra, deveria ela mesma repousa em si se validando, já a ciência trabalha seu próprio conceito e necessita ser objetiva, caberia saber em qual lado estaria a História.

Aparentemente, Ranke não pensa que o lado artificial ou poético da história requer que os historiadores tenham uma habilidade profissional comparável com a sua habilidade como pesquisadores. “O resto repousa nas mãos de Deus”: nós podemos ler essa frase como uma pista de um procedimento não racional, ou melhor, superracional, gerado no âmbito da mente humana, onde não há lugar para princípios cognitivos e regras metodológicas. É o lugar que antigamente tinha sido ocupado pela retórica. (RÜSEN, 2016, p. 91)

Mesmo que de forma um pouco discreta e sem alarmes, Ranke já apontava que seria o historiador que conferiria vida aos eventos por meio de suas análises e exposições. Ranke ainda mostra a relação existente entre forma e conteúdo, exposição dos resultados

apresentados pelo preenchimento das lacunas do passado, dando assim, continuidade ao processo histórico.

Defesa de uma escrita da história comprometida com a verdade dos fatos, objetiva e apartidária, tudo isso não significou para Ranke, a recusa da imaginação suprida pela arte, pois para ele o simples ato de escrever história fazendo uso dos resultados de sua pesquisa, prova uma síntese entre arte e ciência, pois a arte ocorre no ato da escrita da história através da imaginação, logo a história nunca é uma sem a outra.

Já no fim de sua carreira, Ranke parece tirar suas lentes céticas sobre a relação história e arte ao anunciar que a História teria um conjunto de arte e ciência, mas o historiador não poderia inserir suas posições políticas. Ranke sabia que seria impossível formar uma escrita neutra e inteiramente verdadeira do passado, mas ainda assim tomava partido e defende tal ideia pelo seu posicionamento.

Os historiadores precisariam, para Ranke, de três virtudes cardeais: o bom senso, a coragem e a honestidade. A primeira é necessária para captar as coisas importantes, a segunda para não se furtar de dizer sempre a verdade e a última para evitar o auto-engano. Ou seja, através da narrativa consubstanciavam-se a história e sua possibilidade de compreensão. (BENTIVOGLIO, 2010, p. 200)

Esse modelo de narrativa possibilitaria a compreensão do passado, pois a História sendo tanto uma ciência como uma arte, não seria dada ao simples registro do que aconteceu, mas lhe dadas habilidades e liberdade de recriar este passado como anunciado por Ranke em meados de 1830 (BENTIVOGLIO, 2010)

Não somente Leopoldo Von Ranke, mas também outros intelectuais ligados ao historicismo e a historiografia alemã do século XIX, como Humboldt, Droysen e Gervinus – eram familiarizados com a literatura (arte), pois foram tanto leitores como tradutores de obras literárias, assim como só chegaram à história por meio da filologia¹⁰ e passaram a entender a dependência entre historiador, narrativa e realidade.

Enquanto a História estudava apenas o particular e se aprisionava dentro de uma verdade absoluta, os historiadores prussianos revelaram as dificuldades da História em representar as ações humanas assim como apresentação das forças universais em toda história.

Com o desenvolvimento do historicismo e sua consolidação no fim do século XIX, percebe-se a quebra de neutralidade perpassando o ofício do historiador, tanto nas fontes já prontas, como pelas novas que estavam sendo produzidas. Logo, já não seria possível falar mais em neutralidade.

¹⁰ Estudo de fontes históricas escritas, que eram interpretadas e reproduzidas.

2.2 Historicismo: o impacto da crise epistemológica à preocupação de uma história narrativa.

Retomando ainda um pouco o papel de Ranke e sua célebre frase “contar os fatos tal como eles aconteceram” introdutória a sua obra *Os Povos Românicos e Teutônicos* (1824), até então nos remetia a caricatura de um Ranke que confiava inteiramente na narrativa de um passado fidedigno como um dia foi, no entanto, esse passado que em outro momento parecia imutável em matéria de confiabilidade veio sendo desconstruído.

Ranke advogou a favor da imparcialidade do historiador frente seus documentos de análises do passado, a fim de narrar os fatos com a máxima objetividade, mas por outro lado, caía constantemente em um subjetivismo por tomar partido em determinadas crenças religiosas e nacionalismo. Era notório que Ranke estava mergulhado em um partidarismo político, pois além de defensor patriota, era funcionário de sua nação (sustentando lealdade ao seu estado-nacional prussiano do qual era funcionário, recebendo inúmeros cargos), diante disso, como pretendia advogar a favor de uma imparcialidade, sendo ele oposto, ao defender um lado? Essa questão será seguida por uma sequência de comentários que tentará esclarecer a interrogação.

É dentro do desmonte da cristalizada imagem de Ranke defensor de uma história/ciência que se constrói um novo paradigma. Assim nasce o Historicismo¹¹, que diferente do Positivismo fundado a partir da herança do Iluminismo já possuindo uma base, o Historicismo lança seus fundamentos ainda em processo de construção ao longo do século XIX.

Ranke apesar de ligado à imagem do Positivismo, na verdade foi o “pai do historicismo”, pois não defendia uma história universal, mas sim histórias nacionais particulares (aqui também surgem ideias sobre a entrada de um relativismo na história, levando em consideração essas histórias nacionais no plural), porém neutras, assim como o historicismo tradicional defendia.

A consciência histórica desenvolvida no século XIX foi justamente o que deu origem a esse Historicismo que defendia um mundo humano datado, localizado, dentro de uma situação humana que possuísse espaço, temporalidade concreta e única. Esse movimento foi totalmente avesso às ideias desenvolvidas ainda dentro da revolução industrial.

¹¹ Movimento que surgiu entre o século XIX e XX onde defendia as diferenças entre os homens, natureza, ciências naturais e ciências humanas.

Os historiadores alemães se opuseram à ideia que ganhava força sobre uma história universal que ignorava as tradições particulares de outras sociedades, como aconteceu no Positivismo e Iluminismo. Esses historiadores alemães tentavam mostrar que não era necessário uma “razão universal” para que houvesse a legitimação da história, pois as histórias passadas particulares (que eram negadas) eram tão legítimas quanto.

Dessa forma, seria inaceitável que uma sociedade concreta pudesse dizer o que seriam os direitos universais ou a liberdade em geral de todos baseados em uma única nação, no caso a França. O Historicismo tinha o dever de defender os direitos locais alemães contra o expansionismo francês reivindicado pela revolução, dentro de seu discurso de universalidade. Seria necessário conhecer primeiro o indivíduo concreto e histórico, diante de um estudo empírico particular de uma sociedade. Este Historicismo não desvaloriza os séculos anteriores ao XVIII, assim como faziam os filósofos.

Tal Historicismo ainda defendia que:

A vida humana, particular, singular, individual, é objeto da história e não da filosofia. A história é muito mais importante que a teoria. As instituições humanas e o vivido humano não são o resultado do cálculo e da razão, mas de um processo histórico, independente da vontade consciente dos indivíduos. Não se pode propor a mudança radical e violenta com o passado, pois isto seria radical e violento (REIS, 2002, p.11-12)

Toda especulação ou teoria sobre a história revelaria mais sobre os preconceitos dos construtores do que de fato as deficiências do passado. O Historicismo dizia que especulações e teorias que prejudicassem e legitimassem a ruptura com o passado deveriam ser eliminadas da história. Um homem trans-histórico, universal, imutável é contrário o pensamento historicista, o que de fato interessa ao historiador seriam as mudanças pelas quais o homem passou, a humanidade não obedece a uma lei geral e não tende a um final universal comum, pois em cada tempo e lugar o homem é outro em suas relações.

Como já apontado, o historicismo veio se construindo bem recente ao século XIX, mas vale mencionar que essa corrente passou por diferentes fases (aqui recairemos em um historicismo alemão clássico). Distingue-se desde um *Historicismo filosófico (final do século XVIII) a um metodológico e epistemológico (século XIX e início do século XX)*. Essa primeira ideia de Historicismo unido a vínculos filosóficos se opunha nos estudos do ser entre natureza e história, pois a natureza se prendia a um determinismo e submissão a leis, enquanto o espírito se voltava ao subjetivismo humano e à liberdade de criação.

Esse historicismo inicial não apoiava a natureza, mas sim a liberdade do espírito em seu modo livre e próprio de ser, esse se distanciava do tradicional alemão (REIS, 2002). O

Historicismo filosófico procurava sistematizar toda uma criação e transformação humana a partir de um princípio que antecede a experiência, já a outra (epistemológica) em seu fim defendia uma relativização, baseado na ideia de que a história não possuía nenhuma verdade a oferecer, isso fez crescer uma espécie de ceticismo filosófico.

Esse historicismo ainda se opunha ao imperialismo das Ciências Naturais nascendo em autonomia das Ciências Humanas alicerçadas sobre suas próprias estruturas e lógica, não se espelhando mais em outra ciência como parâmetro. Apesar da oposição preocupava-se em dar sentido à existência da humanidade, mas disfarçando a ideia de uma história essencialmente espiritual, vale dizer que essa segunda parte do Historicismo é bem mais próxima do Historicismo alemão tradicional, partindo da relativização de cada época e sociedade em suas diferenças, porém existem verdades mesmo que disfarçadas de contaminações filosóficas, logo são históricas.

No Historicismo do século XIX ainda científico, desenvolve-se com a tese anticartesiana de Giambattista Vico (forte precursor) de que a física é limitada pela natureza, impedindo o homem de conhecê-la, pois ele não a criou. No entanto, a história poderia ser conhecível já que ela é fruto da criação do ser humano, essa mesma história seria “o resultado dos propósitos conscientes e inconscientes da ação humana” (REIS, 2002, p. 21). Assim o homem poderia conhecer a história, pois seria uma criação sua, fazendo ele parte dessa história por consequência de suas ações.

É nessa fase (referente ao final do século XIX e XX) em sua estreita relação epistemológica, que se inicia a crise da consciência histórica, crise referente à crítica de relativismo que começa a recair sobre a História, gerando um desconforto. “Em um tempo de ruptura, olha-se cheio de esperança para as ciências do espírito e percebe-se [...] que elas são incapazes de oferecer estabilidade em meio à mudança dos tempos [...] começa o protesto geral e claro sobre o historicismo” (SCHOLTZ, 2011, p. 58). O historicismo sucumbia à História a um sinônimo de relativismo, esse movimento não poderia mais oferecer valores últimos que guiasse o homem, pois a todo o momento mudava, chegando a seu ápice no século XX com ar pejorativo e desejo de superação deste movimento.

A crise epistemológica trará para dentro da História questões sobre a subjetividade, anunciando um relativismo em grande proporção. A própria escrita da história seria colocada a prova, pois se já não era possível confiar na veracidade dos fatos deixados sobre o passado, a desconfiança também recairia sobre as narrativas e os métodos usados pelo historiador. Compreendia-se agora que as narrativas não eram de fato o passado fidedigno, mas narrativas de historiadores que tentavam recriar este passado.

Retornando ao século XIX, a História vista em seu modo geral era definida como um gênero retórico, quem trabalhava nesta área não via problema nesta relação, até porque os métodos usados para escrita do passado não eram uma questão. Os retóricos desde Cícero a Quintiliano até Hugh Blair do século XVIII davam pouca atenção à teorização dessa área e a alguma atenção que deram recaiu sobre o estilo da História.

Reivindicava-se por uma escrita verdadeira para instrução da humanidade, mas nada tão criterioso, assim: “a ‘verdade’ não implica uma preocupação obsessiva com a conformidade em relação ao fato particular; ao contrário, a edificação moral era uma consideração igualmente importante” (MEGILL, 2016, p. 266). Percebe-se, portanto, que o modelo de escrita não era tomado como questão crucial dentro das narrativas.

Mesmo a história (anteriormente) enquanto gênero retórico em suas narrativas ligado à literatura não diminuísse sua verdade, a literatura por sua vez, se definia como a escrita do que não é literalmente verdade, que trabalha com ficção imaginativa e até criativa, via a necessidade de se apartar da história, pois esta “deveria apresentar-se como um gênero específico, científico, apartado dos demais gêneros literários, mantendo com eles fronteiras nítidas” (BENTIVOGLIO, 2010, p. 190). No entanto, não foi o que se observou dentro das narrativas históricas ainda no Historicismo, mas contrariando, viu-se narrativas carregadas de semelhanças literárias.

2.3 Compreendendo literatura (arte) e história (ciência)

A história distingue-se de todas as outras ciências por ser também uma arte. A história é uma ciência ao coletar, buscar, investigar; ela é uma arte porque recria e retrata aquilo que encontrou e reconheceu. Outras ciências satisfazem-se simplesmente registrando o que foi encontrado; a história requer a habilidade para recriar. Como ciência, a história é parecida com a filosofia; e como arte, com a poesia. A diferença é que, de acordo com suas naturezas, filosofia e poesia lidam com o reino do ideal, enquanto a história deve ater-se à realidade. (RANKE, 2010, p. 141 *apud* MALERBA, 2016, p. 15-16)

Levando em consideração a semelhança que a história tem com a filosofia (reflexão) e arte como poesia, a história é elevada à liberdade de recriar um passado reconhecível. A própria filosofia – ou filósofos analistas¹² – antes diminuída, assume um papel importante para despertar a reflexão dessa recriação sobre as narrativas históricas.

¹² Para que se tenha mais clareza sobre essa filosofia Rizzo (2009, p.40) dirá que “Esta filosofia da história tem como base a filosofia analítica que se iniciou a partir dos avanços científicos das ciências naturais no final do século XIX, o que fez com que vários teóricos desse período as utilizassem como modelo para a filosofia. Para isso, acreditavam ser necessário depurar a linguagem ordinária da linguagem científica para atingir resultados mais precisos. Assim, a filosofia analítica tem como método a análise lógica da linguagem. Com este método

Essa filosofia se detinha sobre um realismo que se confrontava ao idealismo, defendiam uma metafísica dentro da linguagem. A proposta era usar a ciência e lógica formal para se livrar de uma problemática falsa, ao definir uma linguagem exata. Mais tarde essa filosofia analítica se aproxima do campo específico da história na tentativa de mostrar que seu método se aplicava também dentro de outra disciplina, isso poderia provar um método universal através do modelo nomológico-dedutivo.

Esse modelo seria a dedução junta às leis que geraria um conjunto de condições iniciais, modelo de extrema importância ao historiador que só assim poderia interpretar, gerar significados e traçar o desenvolvimento dos eventos históricos. A filosofia analítica inclusive foi o que chamou atenção em Hayden White (historiador destacado neste trabalho) para transformar a história em uma interpretação e conseqüentemente uma explicação histórica.

Essa relação que se formou entre filosofia analítica e por conseqüência com a retórica (linguagem) gerou um realismo histórico baseado em um ideal de razão, mas seria preciso construir refletindo a vida, consciência e experiência humana, isso conseqüentemente despertaria um caráter narrativo, assim:

O conhecimento histórico torna-se uma narrativa sedutora, imaginativa, envolvente. O historiador opera como um diretor de cinema: escolhe personagens, constrói situações, monta uma sucessão delas, corta, agrupa cenas, acelera a narrativa, demora-se em personagens [...] A verdade histórica torna-se uma “representação” [...] que um presente faz do passado, que atende mais aos interesses deste presente do que ao conhecimento daquele passado. (REIS, 2000, p. 345)

Mesmo que não fosse evidente, as narrativas históricas possuem o objetivo de dar sentido às próprias experiências no tempo e orientar a vida, direcionando-a durante o seu percurso. Para que esse objetivo seja concretizado o historiador haverá de trabalhar semelhantemente ao diretor de cinema, para que sua representação do passado atenda o real sentido que deseja dar.

A partir dessa nova aproximação entre história e literatura que se encontra nas narrativas, notou-se que a escrita linear poderia demonstrar suas fragilidades ao sugerir que “a suposição de que um relato histórico pode ser entendido pelo modelo linear não pode resistir a um exame minucioso” (MANDELBAUM, 2016, p. 157). Para que se entenda melhor, nem sempre haverá uma série contínua de *a* que leva *a b*, *b* leva *a c*, podendo o elemento *a* ser perfeitamente conectado ao elemento *t*. Seria necessário entender a análise sobre as mudanças ocorridas no percurso da História entre suas relações para que se construa, ou melhor, se

procurou-se descobrir até que ponto os problemas filosóficos não resultariam de uma incompetência racional dos filósofos, mas sim de uma linguagem confusa e obscura”

reproduza um passado compreensível. A partir disso surge a crise que leva o pensamento sobre a aproximação destes dois campos, (história e literatura) mudar.

Mesmo a História entendida como ciência vivendo o início de uma crise por colocar em questão sua verdade, ainda havia a esperança de que fosse removida sua aproximação com a retórica fazendo a História novamente ser vista como essencialmente uma busca científica baseada no rigor, pois a História seria um discurso defensor da razão, consciência e poder, já a literatura estaria identificada com as paixões, com a poética, sensibilidade, com a forte presença do intuitivo, somente com a literatura era permitido chorar (ALBUQUERQUE, 2019). Com a cientificização defendida pelos partidários da recente história/disciplina, unida à subjetividade da literatura surgia o seguinte questionamento: A História afinal seria Arte ou Ciência?

Muitas respostas foram formadas, desde a insistência de que a História seria em suma uma ciência; outras afirmativas que a História seria uma combinação entre arte e ciência. Os historiadores afirmavam que a História enquanto disciplina seria sim uma ciência rigorosa, porém, havia ainda quem contestasse a comparação feita entre Ciências Naturais e Ciências Humanas da qual a história faz parte, levantando a questão se ambas teriam o mesmo grau de objetividade, tendo em vista a História zelar por seu *status* de ciência, mas que hora ou outra era colocada à prova.

Mesmo a História reconhecida como uma recente disciplina não deixou de despertar interesse em outras áreas como a filosofia em entender essa escrita da história, caso notório foi em R. G Collingood ao examinar o papel da narrativa na história. Ele aponta que o historiador ao construir o passado gera futuros questionamentos sobre o papel da linguagem do historiador, essa discussão gerou um retorno das narrativas na História. Em sua obra *A ideia de história* já apontava o assunto história e ficção dentro de suas diferenças¹³.

Collingood defendia que o passado não poderia ser observável mesmo através de procedimentos criteriosos da fonte histórica, pois o historiador teria de reviver o passado em sua mente através da imaginação, assim não havia como realizar essa comparação com as ciências naturais e sua objetividade se o historiador estaria submerso em sua imaginação para alcançar o passado, pois “a história não tem por objeto as coisas pensadas (os acontecimentos

¹³ Dentro dessa obra de R. G Collingood mostrou que “1) o historiador, diferentemente do escritor ou artista, deve localizar sua explicação no tempo e no espaço; 2) toda história deve ser consistente consigo própria e; 3) a imaginação histórica tem de levar em consideração ‘algo chamado evidência’. Como Gossman observou, o ponto (1) é, na verdade, um aspecto do ponto (2), uma vez que a localização no tempo e espaço significa localização em um único tempo e espaço determinado pelos historiadores em geral. Subjacente a esses dois pontos é a suposição de que o mundo histórico está, em última instância, unificado (considerando que existe uma multiplicidade de mundos ficcionais). (MEGILL, 2016, p. 268)

em si mesmos), mas sim os pensamentos (‘ o próprio ato de pensar’)” (BARROS, 2010, p. 99).

A multiplicidade de campos de análises possíveis despertados dentro da história aproximou-a mais ainda ao campo literário, essa multiplicidade requeria também multiplicidade de abordagens, assim, questões de arranjo, enunciação, retórica, estilística, passariam a serem escolhas do historiador, fugindo das regras fixas de sua disciplina, a história se tornava mais literária.

Abordar a dimensão literária da história estimulou sua função interpretativa, essa interpretação é entendida como:

A tarefa de fazer um relatório histórico parecer significativo (expressivo, importante) para um público no presente - para uma identidade ou subjetividade, quer coletivo quer individual, que o autor pretende que seja influenciada pelo relato (sobre a “interpretação”, nesse sentido, cf. Megill). Historiadores “interpretam”, isto é, eles tentam conectar suas afirmações sobre o passado a uma subjetividade presente, assim como esperamos que os artistas literários façam (MEGILL, 2016, p. 269)

Fica evidente que história e literatura estão em estreita relação. Mesmo com suas diferenças a literatura alerta a importância da retórica em estilo e dimensão literária dentro da própria história geral, pois reflete na importância das escolhas feitas pelo historiador, seu domínio e na multiplicidade de modos de apresentação que será usado em seu aspecto interpretativo. Essa influência da literatura dentro da história também cultiva a consciência dos aspectos de experiência humana em sua relação de subjetividade e identidade que muitas vezes não é percebido pelo historiador por sua falta de sensibilidade e julgamento à literatura.

O diálogo que se consolidará entre literatura e história mostra constantemente que as construções narrativas dos historiadores sobre o passado são nada mais que frutos de interpretações de outras narrativas que não são uma verdade literal do passado, mas todas recorrem à ficcionalidade imaginativa do historiador, gerando recriações.

Um alerta é lançado sobre a necessidade repetitiva de sempre tratar os fatos como dados, seria necessário entender que mais que fatos são antes de tudo descobertas a partir de perguntas feitas pelo historiador, ao investigar determinados fenômenos da história. O historiador que valorizasse a visão artística dentro da história, haveria de questionar a si mesmo como poderia participar dessa ação libertadora e se sua participação contribuiria para destruição da História enquanto disciplina.

Com o alerta lançado percebe-se que única maneira de acessar o passado seria através da memória, esse passado não teria como existir fora da consciência que temos dele,

logo a escolha do relato do passado é feito pela escolha do próprio historiador que seleciona esse passado assim como o interpreta e o expressa através da linguagem. A história sendo uma espécie de arte, não poderia assumir um *status* de ciência pura, pois depende tanto da intuição do historiador como de sua análise, “toda narrativa histórica está, assim, sujeita a demandas complexas e sutis de ideologia que lhes atribui efeitos” (MUNSLOW, 2009, p. 25).

O historiador que acreditasse na sua consciência histórica teria a função de libertar toda a presente história do fardo¹⁴ de uma historiografia criteriosa, que confiasse inteiramente nos relatos deixados por documentos que narrasse um passado apurado e verdadeiro. Vale lembrar que “embora a narrativa histórica não possa ter jamais a liberdade de criação de uma narrativa ficcional, ela nunca poderá se distanciar do fato de que é narrativa e, portanto, guarda uma relação de proximidade com o fazer artístico” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 70). Logo, o próprio ato de narrar tem por si critérios artísticos que não podem ser contestados.

Se a história enquanto ciência já vivenciava constantes abalos dentro de seu ofício, um divisor de águas mexe definitivamente os aparatos científicos que até então insistiam em perpetuar dentro da História. Será o giro linguístico que transformará significativamente a matéria histórica, “o foco da metarreflexão deixou de ser a história processo ou os parâmetros da pesquisa metodicamente regulada para recair sobre os protocolos constitutivos do discurso historiográfico” (MALERBA, 2016, p. 17). A preocupação da história agora começa a recair sobre seus próprios protocolos discursivos.

¹⁴ Um fardo que de acordo com White deveria “restabelecer a dignidade dos estudos históricos numa base que os coloque em harmonia com os objetos e propósitos da comunidade intelectual como um todo, ou seja, transforme os estudos históricos de modo a permitir que o historiador participe positivamente da tarefa de libertar o presente *fardo da história*.” (2001, p. 53)

3 INFLUÊNCIAS EM HAYDEN WHITE

3.1 Giro linguístico e influência da Crítica literária

Dentro da repercussão surgida na historiografia no estudo de sua escrita e sua afinidade a retórica e seus protocolos, surge como consequência uma profunda crise epistemológica (abordada de forma inicial no historicismo) que se formou pela descrença de uma verdade confiável, neste caso, ligado à linguagem. Será diante dessa aproximação e crise que se consolida uma guinada linguística proporcionado enorme “caos” para história científica¹⁵.

A virada linguística poderia ser entendida então como um momento difuso e impreciso, em que a atenção do homem se volta de forma privilegiada para o estudo da linguagem, com uma intensidade e abrangência que não haviam ocorrido antes na história [...] “virada linguística” se tornou uma moda e passou a caracterizar não somente uma preocupação da filosofia analítica com a linguagem, mas sim o clima geral de opinião da filosofia do século XX [...] a linguagem deixou de ser um mero instrumento neutro para expressão dos pensamentos e passou a ser vista como determinante para a fabricação das ideias, que não poderiam mais ser separadas do modo como eram expressas. (FONTES, 2020, p. 11-12)

Com isso a neutralidade dentro da linguagem¹⁶ passa a não existir mais, pois ela possui agora sua própria especificidade. Essa virada retira o sujeito central (enquanto portador de uma razão e detentor da verdade) de dentro da História como ocorria no Iluminismo e Positivismo, mas trouxe a linguagem como matéria prima para criação das narrativas históricas.

Isso reforça a ideia sobre o giro linguístico ser nada mais que o “deslocamento histórico-estrutural mais amplo que pode ser definido em torno da [...] crise da representação, ou seja, do divórcio progressivo entre as palavras e as coisas que tem no século XVIII seu momento decisivo” (RANGEL; ARAUJO, 2015, p. 319). A linguagem toma o seu lugar

¹⁵ Em um aprofundamento maior sobre o giro linguístico os autores apontam que “Temos, então, duas condições importantes para a constituição do giro linguístico: uma histórico-estrutural – a aceleração radical do tempo própria da modernidade e o consequente questionamento acerca da serventia da história – e, posteriormente, a segunda, histórico-epistemológica – a tematização do que podemos chamar de impossibilidade de qualquer acesso privilegiado em relação à realidade. Desse modo, o século XX herda essa espécie de desafio epistemológico disponibilizado ao longo do século XIX, o qual foi enfrentado por pelo menos duas tradições distintas, a fenomenológico-hermenêutica e a neo-historicista (ou pós-moderna). Em outras palavras, podemos dizer que o giro linguístico se constitui (e intensifica) a partir dessas duas tradições” (RANGEL; ARAUJO, 2015, p. 322)

¹⁶ Fonte ainda destaca que “O que parece estar em questão aqui, ao falar da virada linguística nesse sentido mais amplo, não parece ser a determinação da origem de uma ideia, mas sim a declaração de que é aproximadamente na virada do século XIX para o XX que há a disseminação do *insight* da não neutralidade da linguagem; a impressão de que a partir daí a não neutralidade da linguagem passa a fazer parte do *Zeitgeist*: o assunto da linguagem passa a estar na ordem do dia e a fazer parte do espírito da época” (2020, p. 12)

dentro da história¹⁷ e prova que o ser já não pode acreditar cegamente que possa criar uma narrativa do passado cem por cento verdadeira, mesmo usando variados métodos.

Por mais que use de métodos que lhe inspire confiança sobre sua pesquisa em algum momento haverá de usar a linguagem em suas narrativas para relatar o fato histórico desejado, no entanto, esta mesma linguagem não passa de uma construção tanto social como linguística, logo não pode se julgar soberana ou verdadeira por si. Toda expressão ou linguagem do ser é estável a uma época, apresentando-se como transitória, essas expressões variam mediante o tempo e às suas necessidades.

Com essa linguagem que expressa e dá vida aos relatos, o historiador não será mais fadado ao simples ato de descrever um passado ilusoriamente neutro. A realidade do passado não estará somente nas referências e fatos, mas também se iniciará dentro da própria linguagem¹⁸. “O referente, o fenômeno e o signo deixam de ser dados fixos, realidade objetiva de quem parte as representações, para serem revelados como produto de invenção social e linguística” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 64).

Levando em consideração essa invenção social e linguística, o historiador não poderá negar que dentro da criação de suas narrativas existe uma representação do passado e não uma reprodução exata, que pode facilmente se modificar. Tudo o que o historiador produzir pertencerá também ao campo linguístico, não podendo fugir disso.

Essa história literária assistiu e sofreu junto à crise da História. Com a onda anti-historicista que se formou por consequência da crise, novas ideias começaram a surgir e influenciar estudos literários, onde o principal foco era ir contra os métodos da História da literatura. A crítica literária historicista considerava as obras literárias como produtos linguísticos autônomos, que recusavam sua dependência de pesquisas a fatores exteriores de seus fatos descritos. Alguns primeiros movimentos começaram a surgir (formalismo russo e a nova crítica) indo contra a ideia antiga de literatura.

¹⁷ “Habermas por sua vez, também pinta um quadro abrangente, ao propor a virada linguística como uma mudança do paradigma do sujeito para o paradigma da linguagem. Para ele, a história da filosofia ocidental pode ser contada a partir da dominância sucessiva de três grandes temas: Ser, Consciência e Linguagem [...] Habermas afirma que a virada linguística é o que torna impossível que esses dois paradigmas se mantenham de pé. Não é mais possível um discurso que se pretenda final sobre o Ser absoluto: toda expressão do Ser é dada em uma determinada época e em uma determinada linguagem. Tampouco o sujeito pode ser esse parâmetro imutável e universal a partir do qual se pode erigir o conhecimento seguro – o conhecimento é sempre tributário da linguagem na qual se expressa e o sujeito é uma construção (social e linguística), e não um ideal imutável e a-histórico” (FONTES, 2020, p.12)

¹⁸ Muslow esclarece que “Apesar de todos nós termos a tendência de usar as palavras como se elas fossem estritamente referenciais, elas são na verdade, significados sociais convencionais ou valores sociais comumente aceitos [...] vivemos em um mundo social da linguagem e, portanto, a linguagem está sempre carregada de significado social” (2009, p. 45)

Com o desenvolvimento das teses desses movimentos, surge no século XX o Estruturalismo¹⁹ que define uma nova maneira de crítica literária perpassada por um campo científico que atinge também as Ciências Humanas atravessada pela linguagem nas atividades humanas, mostrando que os fatos eram constantes construções linguísticas e não uma realidade pura em essência (RIZZO, 2009).

Isso mostra que nem mesmo a crítica literária em seu primeiro momento de regras e métodos escapou das influências exteriores da linguagem. Essa história literária que agora ganhava força abriu espaço para que a narrativa e seus efeitos linguísticos fosse melhor aceitos, entretanto, para história/disciplina que ainda tentava resistir apesar de tudo, essa abertura:

Poderia ser responsável por “certa mudança no *ethos* do historiador”, uma vez que os historiadores habitualmente empenhados na busca da verdade, dos fatos e das estruturas, tiveram sempre uma inclinação “pela transparência e pela limpidez, desprezando as possibilidades oferecidas pela polêmica, pelo confronto, por uma contínua problematização” (ARAÚJO, 2015, p. 453 *apud* CEZAR 1988, p. 453)

Essa mudança no *ethos* não só podia como foi a responsável pelo desconforto na História, pois se já existia a preocupação de mostrar análises verdadeiras e imparciais, agora mais que nunca essa preocupação aumentava, pois as problematizações que passavam a surgir sobre a História ser realmente uma ciência ou não eram mais fortes.

Vale dizer que por mais que a análise sobre a história/discurso possa ter tido ênfase no século XX, o ponto de vista da história geral a exemplo dos antigos (Heródoto e Tucídides) não deveria ser descartado. Mesmo havendo mudanças e rupturas, havia as continuidades desde histórias mais atuais às mais antigas, independente da retórica utilizada. A história agora se aceitava no seu geral.

Saussure²⁰ foi uma das grandes figuras que trouxe a mudança no século XX para dentro da Crítica literária que influenciou Hayden White. Seu empenho foi o que gerou o desenvolvimento da linguística estrutural, trazendo pensamento científico e retorno da confiança, já que antes a linguagem era analisada pela história e filosofia, sempre relacionada

¹⁹ Movimento relacionado diretamente às ciências humanas que se inspira no modelo linguista. Quando se pensa em Estruturalismo, logo se pensa em Lévi-Strauss, um dos grandes pensadores desse movimento.

²⁰ De acordo com Rizzo “Ferdinand de Saussure foi a grande figura das mudanças ocorridas na crítica literária no século XX com suas teorias sendo inicialmente utilizadas pelos formalistas russos e pela Escola de Praga, principalmente Trousbetskoy e Jakobson. Através deste último se tornou um paradigma nas ciências humanas com sua absorção pelo estruturalismo” (2009, p. 11)

à ficcionalidade. Boa parte do progresso dentro das Ciências Humanas também se deu ao conceito de estrutura desenvolvido por Saussure.

Em seu Curso de Linguística Geral de 1916, que é a reconstituição dos três cursos lecionados por ele entre 1907 a 1911 em Genebra, Saussure estabeleceu a dicotomia entre *langue* (língua) e *parole* (fala), sendo a *langue* um fenômeno supraindividual estabelecido por um contrato implícito entre membros de uma comunidade e que deve ser absorvido para que alguém desta comunidade possa se comunicar. A *parole*, por outro lado, é a manifestação individual e expressão real da *langue*. (RIZZO, 2009, p. 11)

Sua teoria devia se concentrar na *langue*, por ser encontrada fora do indivíduo, não podia ser criada nem modificada, sendo um sistema de regularidade. A língua devia ser estudada em si sem a interferência dos demais objetos, afinal, “de acordo com Saussure, qualquer língua é um sistema de signos que só podem ser definidos uns em relação aos outros e não a partir de um referente externo ao sistema. O conjunto dessas relações formais compõem a *estrutura* da língua” (ARAUJO, 2011, p. 154). A linguagem, no entanto, não se limitava a função de designar nomes imóveis que são oferecidos à compressão humana, mas sim uma totalidade que funciona em determinada época e grupo histórico sendo passível de alterações.

Vale mencionar que esse cuidado de início com a linguagem estrutural era com a intenção de dar um ar científico e confiável

Uma estrutura é um sistema de transformações que comporta leis enquanto sistema (por oposição às propriedades dos elementos) e que se conserva ou se enriquece pelo próprio jogo de suas transformações, sem que estas conduzam para fora de suas fronteiras ou façam apelo a elementos exteriores. Em resumo, uma estrutura compreende os caracteres de totalidade, de transformações e de auto regulação. (PIAGET, 1968, p. 6)

A fala de Piaget só reforça a ideia de como é criterioso o sistema estrutural da linguagem, não se dissolvendo em si, pois possui leis internas. O significado de uma palavra analisada por Saussure se formará através da sua relação com outras palavras e como essa relação vai se formar no momento proposto. Isso mostra que a materialidade da língua, desde som, movimento labial, gesto, não constitui sua estrutura determinada. É percebido que não há um assunto que possa ser definido como exclusivo da literatura, o que a constitui é a maneira como ela é escrita.

O giro linguístico também fortaleceu de certa forma um binarismo antagônico que já existia, mas que se reforçou, afinal:

Os avanços da linguística e da filosofia da linguagem foram de tal monta que propiciaram afirmar, como vimos, a autonomia da linguagem como um universo

específico, autorreferente e, neste contexto, o giro linguístico é um seu subproduto. Aliás, a própria expressão “*turn*” (“giro”), parece supor essa lógica. Um giro de cento e oitenta graus: ou temos um discurso “ciência”, ou temos um discurso “ficção”, no *way out*. Parte-se de um suposto que não está necessariamente explícito, mas que é necessário aclarar. (SILVA, 2015, p. 387)

Assim, o giro linguístico traz à tona essa discussão binária ciência x ficção, pois ao definir história como ciência, exclui conseqüentemente a historiografia grega, latina, medieval (por conseqüência de seu modelo narrativo estar mais ligado ficção) assim como boa parte da historiografia moderna e contemporânea, por não fazer uso restrito de métodos que certificasse a verdade histórica. Saussure não usa a linguagem estrutural em vão, mas na tentativa de provar que esta mesma linguagem, inclusive na literatura, é tão confiável e científica quanto à história/disciplina, em ambos os casos se compartilha da mesma linguagem detentora de regras e estrutura.

3.2 Influências do Estruturalismo

Dentre os nomes que situam a base do estruturalismo está o já conhecido Saussure, que propôs sobre a linguagem a concepção de sua estrutura: o binarismo *langue/parole*, assim como Roman Jakobson²¹, pelo contato que estabeleceu com o francês Lévi- Strauss em Nova Iorque que concebeu as teses iniciais do estruturalismo.

Claude Lévi-Strauss²² faz uso da teoria linguística em suas obras, inclusive este estruturalismo que aqui é abordado abre espaço para que de fato as ciências humanas consiga utilizar a teoria linguística²³. Lévi-Strauss fazendo uso da escola linguística aponta seu gosto em aprender com os linguistas o sucesso, pois para ele seus métodos vigorosos são eficazes e o ajudaria em seus estudos, tornando a linguagem com o tempo uma ciência piloto (DOSSE, 1993).

Vale dizer, que a princípio Lévi-Strauss em defesa do renascimento da etnografia e da etnologia o fez atacar tanto a Sociologia como a História, pois:

²¹ De acordo com Rizzo “Jakobson pertenceu ao Círculo linguístico de Praga. E não ao Formalismo Russo. Aqui tratamos os dois movimentos como ‘análogos’ devido sua recepção posterior no ocidente” (2009, p. 15)

²² White dirá que “Este usa a díade metafórico-metônímica como base para sua análise dos sistemas nomeativos em culturas primitivas e como chave para a compreensão dos mitos” (1995, p. 46)

²³ Essa definição de Estruturalismo sustenta que “percebemos e interpretamos o mundo real através de um dispositivo mental inato, pré-existente ou *a priori* [...] isso significa que o qualquer acervo de informação, como dados históricos, só podem ser compreendido através de estruturas mentais pré-existentes ou genéricas localizadas na mente do historiador [...] o estruturalismo rapidamente colocou a objetividade científica sob pressão, sustentando nas bases relativistas do conhecimento revelado, o que resultou nos mais recente desenvolvimentos intelectuais do pós-estruturalismo e do novo historicismo” (MUSLOW, 2009, p. 43- 44)

a sociologia não havia atingido o sentido de *corpus* do conjunto das ciências sociais como para ela aspiraram Durkheim e Simiand. Ela se confunde com a filosofia social, quando reflete sobre os princípios da vida social e sobre as ideais que os homens têm dela ou se reduz a uma especialidade menor da etnografia, quando faz pesquisas positivas sobre a organização das sociedades complexas [...] Quanto à história, ele parecia querer substituí-la pela etnografia, definida como “observação e análise dos grupos humanos em sua particularidade, visando à reconstituição tão fiel quanto possível da sua vida”. A etnologia (ou antropologia, para os países anglo-saxões) faria a análise dos documentos apresentados pelo etnógrafo [...] Agora, em Lévi-Strauss, o etnógrafo parece substituir o historiador e o etnólogo-antropólogo substituiria o sociólogo. (REIS, 2008, p. 09)

Com isso o autor contesta a Sociologia por refletir papéis que não lhe cabiam, já a História a seu ver recebia uma forte hegemonia sobre as Ciências Sociais, contestando seu papel privilegiado que recebeu ao dominar o tempo cronológico assim como sua cientificidade. Lévi-Strauss vê isso como um forte desrespeito contra as sociedades ditas primitivas ou arcaicas, pois passavam a ser vistas como “sem história” por não possuir uma linha cronológica e contínua do tempo, logo essas sociedades eram colocadas à parte por não estarem dentro da ideia de tempo linear, assim estariam fora da História.

Retornando ao papel da escrita, Certeau (1998, p. 32) já dizia que: “a escrita não é mais a intérprete do sentido oculto de sua palavra, ela se torna a grande fabricante, fonte de todo poder [...] o sujeito da escrita é o senhor, e o trabalhador que maneja outra ferramenta que não seja a linguagem será Sexta-Feira”. A história é colocada entre uma realidade repleta de interpretações através da escrita, isso trouxe uma visão que se divide entre acreditar em um discurso real ou um discurso falacioso. Lévi-Strauss percebe esse lado falacioso construído pelo historiador ao notar que a história é sim mítica e não científica como tanto anunciava.

Entretanto, dentro dos estudos sobre o sistema de parentescos desenvolvido por Lévi-Strauss de encontro à teoria de Jakobson (sobre fonologia dentro da linguística estrutural) percebe-se que a fonologia dentro da antropologia cumprirá o papel de:

Ultrapassar os estágios dos fenômenos linguísticos conscientes, não [...] considerar os termos em suas especificidades, mas entende aprendê-los em suas relações internas; introduz a noção de sistema e visa à construção de leis gerais. (DOSSE, 1993, p. 42)

Lévi-Strauss faz assim uma comparação aos próprios fenômenos linguísticos que ultrapassam o consciente e aprende suas relações internas, semelhante aos termos de parentesco por ser elementos de significação, pois como os fonemas, necessitam se integrar também em sistemas onde visa uma regra geral.

Será através das concepções de *langue e parole* de Saussure que Lévi-Strauss compreende que os mitos dispersos em várias culturas, apesar dessa variação, poderiam muito bem ter suas similitudes, pois “o mito é uma forma específica de linguagem, [...] eles não se caracterizam pelos seus diversos conteúdos, mas por uma estrutura profunda” (RIZZO, 2009, p. 26).

Seria a relação entre eles que fortaleceria a ideia de mitos em geral. Vale dizer que esses mitos seriam mais o resultado das interpretações de suas relações do que de uma narrativa primeira²⁴. Essa ideia de mito relacionado à linguagem influencia mais a frente uma história que se molda dentro de uma linguagem que é escolhida pelo historiador. Jonathan Barthes Culler que considerava Roland Barthes²⁵ “um estruturalista por excelência” dirá que:

Uma linguagem despojada não é natural, neutra ou transparente, mas um compromisso deliberado com a instituição da literatura; sua aparente rejeição da literariedade se tornará ela mesma um novo modo de escrita literária, uma escrita reconhecível [...] a linguagem é um autor é algo que ele herda, e seu estilo é uma rede pessoal, talvez subconsciente de hábitos verbais e obsessões, mas seu modo de escrever [...] é algo que ele escolhe, dentre as possibilidades historicamente disponíveis. “É uma maneira de conceber a literatura” (CULLER, 2002, p. 18; **tradução nossa**)²⁶

É preciso desnaturalizar os conceitos a quem lê, mas não nota, pois o significado é um produto cultural que só é acessado através de formas habituais que tornam o mundo inteligível. Barthes²⁷ percebe que os mitos (teoria de Lévi-Strauss) são objetos de segunda ordem que se definem por relações dentro de uma análise que lhes atribuem significados, isso não foge da história, pois é preciso também tornar inteligível esse mundo dos signos através da interpretação que será imprescindível dentro da escrita da história.

²⁴ “Lévi-Strauss passa a analisar a organização familiar a partir da estrutura lógica das relações de parentesco, em vez de seu conteúdo [...] Calcado na concepção de *langue e parole* de Saussure, o antropólogo pôde explicar o porquê de apesar das diferentes versões dos mitos em diversas culturas, eles apresentavam grandes similaridades. Sugerindo que o mito é uma forma específica de linguagem, deduz que eles não se caracterizam pelos seus diversos conteúdos, mas por uma estrutura profunda. O mito comporta os dois níveis expressos por Saussure, a estrutura supra individual e a sua manifestação concreta em cada cultura” (RIZZO, 2009, p. 26)..

²⁵ Fortemente influenciado pela teoria linguística de Saussure. Sociólogo, crítico literário, entre outras profissões, fez parte da escola estruturalista, sendo aqui marcado por suas análises linguísticas, assim como as análises antropológicas de Lévi-Strauss que deram o quadro conceitual para o autor que nos é de interesse neste presente trabalho.

²⁶ “A stripped-down language is not natural or neutral or transparent but a deliberate engagement with the institution of literature; its apparent rejection of literariness will itself become a new mode of literary writing, a recognizable écriture, as Barthes calls it. An author’s language is something he inherits, and his style is a personal, perhaps subconscious network of verbal habits and obsessions, but his mode of writing, or écriture, is something he chooses, from the possibilities historically available. It is ‘a way of conceiving literature’, ‘a social use of literary form’” (CULLER, 2002, p. 18)

²⁷ Roland Barthes Escritor, filósofo e crítico literário, considerado um dos importantes representantes do pós-estruturalismo.

Com o avanço do estruturalismo Barthes e outros estruturalistas criaram a narratologia,²⁸ Ciência Literária. Com o passar do tempo, o trabalho literário passou a ser visto como produto da linguagem que poderia ser classificado e analisado como objetos de outras ciências, já percebido. Os significados dos textos dentro dessa ciência se resumem à formalidade através de estruturas (reforçado mais uma vez) entre si e não pelo conteúdo, logo, a narratologia:

procura descrever o sistema específico narrativo através das regras que presidem a produção dos textos narrativos absorvendo a tendência do estruturalismo de considerar os textos narrativos como meios, regidos por regras, pelos quais os seres humanos criam o seu universo. (RIZZO, 2009, p. 30)

Dessa forma, tanto o Estruturalismo de Lévi-Strauss como a narratologia que se construiu mais a frente, tem nas narrativas meios rígidos de regras, mas ao mesmo tempo, aplica suas relações com a linguagem que abre espaço para inserção de signos, significação, interpretação, subjetividade, no entanto, essa relação não poderia inferiorizar estas regras.

A tentativa do estruturalismo ao unir as influências linguísticas foi também de evidenciar uma cientificidade para fora do campo histórico. A morte decretada do sujeito enquanto portador de uma verdade “matematizada” não iria impedir que este mesmo estruturalismo buscasse uma cientificidade para dentro de seus próprios métodos.

Lévi-Strauss e Barthes percebendo que a história possuía desde esquemas fraudulentos a elaborações ideológicas, o fato histórico seria constituído pelo historiador, já suas narrativas só possuiriam sentido a partir de sua organização, essas manobras dariam um efeito realístico ao passado, quando na verdade tudo passaria pela mão do historiador, desde os fatos a seu significado.

Levando em consideração essas ideias, Hayden White se inspira nas ideias do estruturalista Lévi-Strauss, pois percebe que as narrativas do passado não poderiam ser absorvidas como uma verdade universal, mas não deixava de evidenciar sua cientificidade assim como o Estruturalismo, afinal a história:

preocupa-se com diacronia, com os fenômenos de superfície, enquanto que a etnologia destaca a sincronia, as estruturas que, em última análise são o verdadeiro conhecimento, pois seguro, explicativo das manifestações divergentes *na aparência* e que, em última instância consistem em processos inconscientes que dominam os indivíduos. Por trás de uma miríade de acontecimentos históricos, há uma estrutura e uma ordem subjacentes e perenes, que se rearticulam, se reorganizam, se

²⁸ A narratologia “concentrava-se em construir uma tipologia de gêneros literários dos textos que estudava a partir da análise de suas figuras retóricas e seus ‘esquemas de ação’. Com isso, poderiam atingir uma gramática universal da narrativa que identificaria as regras gerais que regulam o discurso narrativo. O alvo da narratologia era reduzir as variações aparentemente arbitrarias das narrativas a um número recorrente de estruturas” (RIZZO, 2009, p. 28; 29)

reestruturam e se restabelecem, e que mostram a verdadeira natureza (efêmera) dos fatos históricos. (ARAÚJO, 2011, p. 157)

Hayden White passa a direcionar sua obra *Meta-História* justamente dentro desse viés estruturalista científico propondo análises do discurso da história. White tentará encontrar, a partir desse estruturalismo o significado para toda linguagem, não como mito abordado por Lévi-Strauss, mas como discurso figurativo atrelado a um sistema quaternário de figuras de linguagem.

White não tem por objetivo montar uma relação entre a escrita da história e os fatos que pretende verificar. Seu objetivo é analisar essa escrita dentro de seu protocolo linguístico prefigurativo que dá o efeito explicativo. White acredita que somente através do estruturalismo (forma) seria possível ser entendido seu sistema tropológico²⁹ (desenvolvido melhor no tópico 3.2) dentro da escrita da história e na possibilidade de entender como essa estrutura se forma.

O sistema tropológico de Hayden White fornece:

um pluralismo meramente-histórico de interpretações do mundo facilitadas linguisticamente, sem com isso afundar em um relativismo historicizante e sem validar técnicas de redução baseadas na crítica da ideologia como declarações finais. No final, seu teor básico decorre de uma retórica concebida humanisticamente, que examina como as interpretações o mundo pode mediar e facilitar decisões políticas e éticas. (KOSELLECK, 2002, p. 42; **Tradução nossa**)³⁰

White usaria assim sua forma tropológica limitada pelas escolhas de quatro tropos específicos – metáfora, metonímia, sinédoque e ironia³¹ – buscando entender a objetividade por meio dos protocolos linguísticos que a história tem propriedade em justificar, não focando em interpretações subjetivas. Para os pluralistas "narrativa histórica [...] é também desejável, uma vez que já se parte do pressuposto [...] a possibilidade de vários relatos históricos plausíveis sobre um mesmo ponto" (KERN, 2010, p. 285). Partindo disso, White passa pelo campo pluralista das interpretações meta-históricas da linguagem, mas tentando não se

²⁹ Referente a uma figura de linguagem onde provoca mudanças dentro do sentido de uma narrativa.

³⁰ "Hayden White offers a merahistorical pluralism of linguistically facilitated interpretations of the world without thereby sinking into a historicizing relativism and without validating techniques of reduction based on criticism of ideology as final statements. In the end, his basic tenor stems from a humanistically conceived rhetoric, which examines how interpretations of the world can both mediate and facilitate political and ethical decisions" (KOSELLECK, 2002, p. 42)

³¹ A metáfora "declara que existe semelhança entre dois objetos apesar de diferenças manifestas entre eles [...]" Na metonímia os fenômenos são implicitamente apreendidos como tendo relações entre si na modalidade dos relacionamentos de parte com parte, com base na qual se pode efetuar uma *redução* de uma das partes à condição de um aspecto ou função da outra; [...] tipo sinédoquico, aquele da relação da parte com o todo concebida como uma relação do microcosmo com o macrocosmo. [...] a ironia é essencialmente dialética, visto representar um uso autoconsciente da metáfora a serviço da auto anulação verbal". (WHITE, 1995, p. 48, 49-50, 272)

afundar em um relativismo condenável, pois a própria forma tropológica dada por White perpassa leis e limitações, assim se defende fora do campo relativista e reducionista.

White ao fazer uma ponte entre história e literatura é também constantemente atrelado à ficcionalidade dentro da história, no entanto, defende que a “história é [...] um artefato verbal, produto de um tipo especial de uso da linguagem, portanto, antes do discurso histórico ser [...] produtor de um conhecimento específico, ele deve antes ser analisado como uma estrutura de linguagem” (ASSIS; CRUZ, 2010, p. 117).

Hayden analisa as narrativas históricas em si, sem se preocupar com o contexto, isso o fez perceber ainda uma transformação com o passar do tempo das escritas históricas que para ele se relacionaria diretamente com os tropos de cada época e não ao contexto vivido.

4 META-HISTÓRIA EM HAYDEN WHITE

Hayden White não está preocupado com o estudo de uma História enquanto disciplina e teoria do conhecimento historiográfico, diferente do que fez Paul Ricoeur ao ter a preocupação de estudar a fundo a operação historiográfica desde a *fase documental*, *fase explicativa/ compreensiva* e *fase representativa* (MELLO, 2008).

White também não se preocupava em mostrar que a escrita da história é um gênero literário, seu objetivo era entender o próprio discurso historiográfico, como os escritos históricos feitos através de narrativas que possuem uma estrutura e significado, este é o foco de sua análise e interpretação. White destaca ainda que há muito tempo tem sido dada uma atenção maior às narrativas históricas pelo simples fato destas ser ligadas ao artefato verbal que levaria a ficções verbais entendidas como inventadas ou descobertas (WHITE, 2001)

White ao estudar a historiografia do século XIX percebe como ela entrava em choque com a do século XVIII. A passagem de um século para o outro só mostrava que tentar comprovar a veracidade dos fatos já não bastava por si só para mostrar uma verdade histórica; foi preciso fazer uso do esforço da razão e até mesmo da imaginação junto a esses dados do passado para compor uma significação de história que antes era dominada pelos ideais iluministas.

A ficção começava a sair do campo de rivalidade com a história, pois começava a deixar o campo meramente literário e mostrar que também poderia se prender à realidade dos fatos (RIZZO, 2009). White seguiu essa visão interpretando e identificando as principais formas de consciência histórica oitocentistas, assim como deveria:

estabelecer os elementos inconfundivelmente *poéticos* presentes na historiografia e na filosofia da história em qualquer época que tenham sido postos em prática. Diz-se com frequência que a história é uma mescla de ciência e arte. Mas, conquanto recentes filósofos analíticos tenham conseguido aclarar até que ponto é possível considerar a história como uma modalidade de ciência, pouquíssima atenção tem sido dada a seus componentes artísticos. Através da exposição do solo linguístico em que se constituiu uma determinada idéia da história tento estabelecer a natureza inelutavelmente poética do trabalho histórico e especificar o elemento pré-figurativo num relato histórico por meio do qual seus conceitos teóricos foram tacitamente sancionados (WHITE, 1995, p. 13)

White aponta que pouca atenção é dada aos componentes artísticos dentro da escrita da história, assim como o labor poético aflorado do historiador em relação a seu

trabalho associado aos tropos³² (figuras de linguagem) que a linguagem fornece, elementos que fortaleceriam o campo meta histórico.

A influência de Kenneth Burk na obra *A Grammar of Motives*, via o campo histórico como um drama, isso o fazia tentar compreendê-lo através de alguns questionamentos³³, destas questões se origina cinco elementos que compõem o campo histórico apropriado por White que são: 1) ato; 2) cena; 3) agente; 4) ação e 5) propósito (MELLO, 2008). A partir disso, White diz que toda obra historiográfica tem de levar em conta na sua formação esses cinco elementos de extrema importância, que se ligam diretamente com a encenação ou dramatização. O campo histórico poderia ser pré-configurado pelo historiador antes da análise das fontes e representação das narrativas, pois o campo é fruto da escolha do historiador sobre os quatro tropos: *metáfora*, *metonímia*, *sinédoque* e *ironia*.

Entretanto, somente com a aplicação das estratégias e explicação o campo histórico terá forma definitiva.

O historiador realiza um ato essencialmente *poético*, em que pré-figura o campo histórico e o constitui como um domínio no qual é possível aplicar as teorias específicas que irá utilizar para explicar “o que estava *realmente* acontecendo nele” (WHITE, 1995, p.12).

Isso mostra que o campo histórico é utilizado para aplicar as teorias específicas do historiador para que se entenda de forma organizada o que o historiador quer passar sobre determinado fato. Percebe-se que com a utilização do ato poético descrito na citação, tanto a ficção quanto a retórica frutos desse ato são logo apontadas como elementos místicos, à historiografia iluminista já havia revelado que todos os artifícios provindos da literatura levariam a falta do cumprimento da verdade e isso não agregaria aos dados históricos.

As narrativas do passado logo eram relacionadas ao mítico e descompromissado com a realidade dos fatos. Não era atoa que os historiadores oitocentistas tentavam a todo custo desmistificar e desficcionalizar a história para que permanecesse um relato que acreditavam ser puro e confiável.

Dentre os historiadores do século XVIII, White destaca Ranke que rejeitava em seu início de carreira qualquer mediação feita pelo historiador no passado. “White chama a concepção de Ranke de ‘realismo doutrinal’, porque tomou o realismo como um ponto de

³² Uma ou mais figuras de linguagem (ou retórica) que muda o sentido real da palavra atribuindo novos significados.

³³ “1) o que foi feito; 2) quando e onde foi feito; 3) quem fez isto; 4) como ele fez isso; 5) por que ele fez isto” (MELLO, 2008, p. 127)

vista que não foi derivado de nenhum preconceito específico sobre a natureza do mundo e seus processos” (RIZZO, 2009, p. 60-61). Esse realismo doutrinal surge justamente pelo fato de existir a autonomia da história/disciplina e fazia necessitar de objetivos, métodos e objetos a ser alcançado, isso afastava intrusos vindos da filosofia, fortalecendo a história/ disciplina.

White notou que a distinção feita pelos oitocentistas entre opinião e realismo só acontecia devido ao fato desses pensadores não se darem conta de que as fontes – os documentos catalogados por eles – não falavam por si, apesar de haver um despertar sem alarmes de alguns oitocentistas.

Para o autor era necessário observar que as narrativas entendidas como representações históricas só ganham vida através da voz daquele que narra os fatos de forma discursiva (WHITE, 2001). White desperta a curiosidade de muitos ao dizer que a historiografia faz uso da linguagem natural ou comum, essa linguagem é carregada de elementos figurativos, figuras de linguagem, que resulta em uma descrição que transcende a escrita neutra.

O autor diz que:

Os mestres reconhecidos do pensamento histórico do século XIX podem ser compreendidos, e que suas relações mútuas como participantes de uma tradição comum de investigação podem ser confirmadas, pela explicação dos diferentes modos tropológicos que lhes inspira e informa o trabalho. (WHITE, 1995, p. 13)

Aqui o objetivo será verificar as possíveis prefigurações correspondentes a cada período analisado por White, entender qual melhor ou melhores figuras de linguagem se encaixam. Ainda sobre essa história ligada à literatura, “para pensadores como Bayle e Voltaire, esse tipo de *histoire romanesque* estava abaixo da crítica, sendo imprópria para a redação de um erudito ou a leitura de um homem sério” (WHITE, 1995, p. 63). Mas para White, a história romanesca não deveria ser vista como inferior por estar dentro da literatura, nem ter o poder de tirar do homem seu ar de seriedade, afinal, a história a todo instante apresenta mescla entre verdade e ficção, o autor ainda diz que isso geraria mais ganhos que prejuízo para a consciência histórica do século XVIII.

White faz uso de regras da retórica, poética clássica e linguagem figurativa usadas na poesia, mas tem consciência da falta de problematização e nitidez sobre essas regras que já acontecia no iluminismo, isso só gerou ideias equivocadas sobre esses aparatos linguísticos serem relacionados a uma falta de confiança para dentro da escrita histórica (RIZZO, 2009).

O autor tenta mostrar que o passado não pode ser encontrado em sua forma pura sem transformações, assim como não pode ser enquadrado em uma narrativa ou em uma

história pré-existente. White diz que o passado é inventado e imaginado por cada historiador, pois o “ato de organizar a evidência ao narrativizá-la [...] impede qualquer acesso ao significado genuíno [...] Quando decidimos que sabemos o que significa – então, é isso que significa” (MUNSLOW, 2009, p. 198). Sendo assim, o historiador não poderia mais crer que acessaria um passado como realmente foi. O passado retratado nas narrativas seriam reconstruções daquilo que em algum momento também já foram reconstruídas por outros historiadores, porém, isso não invalidaria essas narrativas enquanto científicas.

White não põe em questão se o passado de fato existiu e não é anti referencialista, mas defende que o passado não pode ser uma história pré-existente, pois o historiador ao conduzir suas narrativas constantemente impõe ao passado razões explanatórias, ideológicas e políticas as quais deseja chegar (MUNSLOW, 2009).

O que passa a se sobressair aqui é a presença do historiador, pois sem ele o passado retratado nas narrativas seriam nada mais que um amontoado de palavras sem sentido. White desintegra totalmente a ideia de separação entre objeto e sujeito, mas vale mencionar que o historiador não julga desnecessário o uso de referências como evidências, pois é de entendimento que as interpretações e significações dessas evidências não podem ser guiadas somente pela subjetiva.

Hayden White destaca a escrita da história em práticas discursivas e tropos determinantes, ele disponibiliza assim um modelo formal onde o historiador pode usar das estruturas de representação narrativa sem interferir nas mudanças históricas. “White oferece um modelo de narrativa histórica em que sua forma é usada para prefigurar a compreensão do historiador acerca do significado do conteúdo do passado” (MUNSLOW, 2009, p. 190). Ele oferece um modelo que defende a legitimidade da narrativa enquanto uma representação do passado, a partir da sua comunicabilidade através da linguagem.

Para construção ou invenção dessas narrativas, White propõe que o historiador faça bom uso dos quatro tropos (*metáfora, metonímia, sinédoque e ironia*). O autor ainda ressalta que a história é como um modelo verbal interpretável e imaginável, assim como os literatos fazem com a literatura³⁴, mostrando mais uma vez que a relação entre história e literatura não precisa ser ruim. A intenção de White ao Tropificar (ato de usar figuras de linguagem com a intenção de atribuir significados) seria mudar o olhar para percepções diferentes.

³⁴ Hayden White mostrará sua teoria tropológica na prática em seu livro “Meta-História. A imaginação histórica do século XIX” apontando a figura de linguagem atribuída a cada modelo de consciência histórica de cada autor analisado por ele.

No entanto, cada tropo possui sua característica peculiar em seu campo de explanação;

Ironia, metonímia e sinédoque são tipos de metáfora, mas diferem umas das outras nos tipos de *reduções* ou *integrações* que efetuam no nível literal de suas significações e pelos tipos de iluminações que têm em mira no nível figurado. A metáfora é essencialmente *representacional*, a metonímia é *reducionista*, a sinédoque é *integrativa* e a ironia é *negacional*. (WHITE, 1995, p. 48)

O objetivo seria representar um passado a partir de uma linguagem que identificasse o objeto de estudo, que caracterizasse as relações tanto tropológicas quanto imaginadas (MUNSLOW, 2009). Essas ideias deveriam ser sempre alicerçadas sobre métodos e estrutura que afastasse qualquer ideia sobre a relativização por parte de seu método tropológico escolhido.

White reforça sua confiança dentro da linguagem através do tropo da ironia, pois mesmo reconhecendo as limitações da linguagem natural que se encontram absorvidas pelos três tropos iniciais, a ironia quebra essa ilusão. Essa mesma ironia “faz afirmações indicando o que a coisa é mediante a insinuação do que ela não é, mas busca, também, mostrar-se autoconsciente das limitações de sua própria caracterização” (MELLO, 2008, p. 126).

White, usando isso como trunfo, diz que:

a ironia pressupõe a ocupação de uma perspectiva “realística” da realidade, de onde se poderia oferecer uma representação não figurada do mundo da experiência [...] é por isso que as caracterizações do mundo vazadas no modo irônico são amiúde consideradas intrinsecamente refinadas e realistas. (WHITE, 1995, p. 51)

White usa um de seus tropos para tentar se defender das armadilhas da linguagem dentro de suas limitações, isso só reforça sua consciência em mostrar que a linguagem ao mesmo tempo em que evidencia suas contrariedades e imperfeições, se refaz ao mostrar também o real através da insinuação pela ironia. A tentativa de White é trazer a credibilidade para dentro de sua teoria tropológica.

White já afirmava que o conhecimento sobre o passado só é possível por meio de um ato poético. Para alcançar esse objetivo seria necessário desenvolver na escrita “uma estrutura verbal na forma de um discurso narrativo em prosa que pretende ser um modelo, ou ícone, de estruturas e processos passados no interesse de explicar o que eram representando-os” (WHITE, 1995, p. 18). Somente dessa forma o historiador poderia se assegurar sobre seu conhecimento do passado e a melhor forma de representá-lo.

Assumindo sua parceria com a linguagem, White diz que o historiador é alguém sujeito às figuras de linguagem, pois deverá fazer uso dessas figuras para que sua imaginação

sobre o passado seja expandida, aproximando sujeito e objeto. O autor constantemente alerta que os historiadores não devem incumbir à história o *status* de ciência pura, assim como em outras ciências, pois White define que:

As ciências físicas parecem avançar por força dos acordos, alcançados de tempos em tempos pelos membros das comunidades estabelecidas de cientistas, relativamente ao que conta como problema científico, à forma que uma explicação científica deve assumir e aos gêneros de dados que poderão ser acolhidos como provas numa descrição corretamente científica da realidade. Entre os historiadores não existe tal acordo, nem nunca existiu. Isso talvez simplesmente reflita a natureza protocientífica da empresa historiográfica, mas é importante ter em mente essa discordância (ou falta de concordância) congênita sobre o que importa como explicação especificamente histórica de qualquer conjunto dado de fenômenos históricos. Pois isso significa que as explicações históricas são obrigadas a basear-se em diferentes pressupostos meta-históricos acerca da natureza do campo histórico, pressupostos que geram diferentes concepções dos *tipos* de *explicações* que podem ser usadas na análise historiográfica. (WHITE, 1995, p. 28)

Diferente do que acontece nas ciências físicas, o que se fortalece na história é a interpretação do historiador (que não deveria estar ligado a uma anticiência) e seu desempenho dentro da história. Hayden ainda afirma: “tomo [...] ao pé da letra a afirmação do historiador de estar fazendo *a uma só tempo* arte e ciência” (WHITE, 1995, p. 27). A história parece dividir sua morada entre esses dois campos, arte e ciência.

4.1 A teoria da obra historiográfica e dos trópicos do discurso em Hayden White

Para chegar, de fato, a uma ordem de explicação na escrita do passado, o historiador deverá caracterizar seus elementos escolhidos assim como arranjá-los em uma ordem narrativa. White sugere a seguinte ordem para se organizar de fato uma obra histórica:

1) crônica; 2) estória; 3) modo de elaboração de enredo; 4) modo de argumentação; e 5) modo de implicação ideológica. Entendo que a "crônica" e a "estória" remetem a "elementos primitivos" do relato histórico, mas ambas representam processos de seleção e arranjo de dados extraídos do registro histórico não processado no interesse de tornar esse registro mais compreensível para um público de determinado tipo. Assim concebida, a obra histórica representa uma tentativa de mediação entre o que eu chamarei de campo histórico, o registro histórico não processado, outros relatos históricos e um público. (WHITE, 1995, p. 21)

Os elementos do campo histórico são organizados em acontecimentos temporais que são as *crônicas*, depois organizadas em dados temporais chamadas *estória* seguindo uma ordem de coerência, apresentando início, meio e fim, sendo esses dois elementos primitivos fazendo parte dos dados não processados do discurso histórico.

Dentro dessa *estória* surgem questionamentos como: “‘Que aconteceu depois?’ ‘Como isto aconteceu?’ ‘Por que as coisas aconteceram desse modo e não daquele?’ ‘Em que deu no final tudo isso?’ Essas perguntas determinam as táticas narrativas que cabe ao historiador empregar na construção de sua *estória*” (WHITE, 1995, p. 22). White com a intenção de explicar a história partindo da estrutura da escrita narrativa, fornece conceitos teóricos que devem ser utilizados pelo historiador.

Três tipos de estratégias que podem ser usadas pelos historiadores para alcançar diferentes tipos de "impressão explicativa". Chamo, a essas estratégias, explicação por argumentação formal, explicação por elaboração de enredo* e explicação por implicação ideológica. Dentro de cada uma dessas diferentes estratégias identifiquei quatro possíveis modos de articulação pelos quais pode o historiador alcançar uma impressão explicativa de tipo específico. Para os argumentos há os modos do formismo, do organicismo, do mecanicismo e do contextualismo; para as elaborações de enredo há os arquétipos da *estória* romanesca**, da comédia, da tragédia e da sátira; e para a implicação ideológica há as táticas do anarquismo, do conservantismo, do radicalismo e do liberalismo. Uma combinação específica de modos constitui o que chamo de "estilo" historiográfico de determinado historiador ou filósofo da história. (WHITE, 1995, p. 12)

Essa espécie de enquadramento disponibilizada por White é o modo de realizar sua explanação histórica, para que se entenda melhor, começamos pelo início. A elaboração de enredo³⁵ tem por objetivo “prover o ‘sentido’ de uma *estória* através da identificação da modalidade de *estória* que foi contada” (WHITE, 1995, p. 23).

Ao descrever os eventos dentro de um *romance*, o objetivo é imaginar o agente que pertence aquele evento como um herói ou protagonista que se sobressai no ambiente a que pertence. A busca dentro desse gênero será a vitória final para o protagonista ou herói da história. Na *comédia* é esperada pelo menos uma vitória do protagonista ou herói, através da configuração do evento de reconciliação analisada, o final dessa história conta com o consenso da vitória alcançada pelo mocinho. A *tragédia* narra a história do herói ou protagonista que são prejudicados pelo próprio destino, tendo como fim a derrota ou morte e a *sátira* que narra a história do herói ou protagonista como inferior, predestinado a uma vida cheia de obstáculos.

Dentro do argumento formal³⁶ o objetivo é oferecer “uma explicação do que acontece na *estória* mediante a invocação de princípios de combinação que fazem às vezes de leis putativas de explicação histórica” (WHITE, 1995, p. 26). O *formismo* tenta identificar a

³⁵ Tal modo de explicação tem influência direta de Northrop Frye em seu *Anatomy of Criticism* que identifica pelo menos quatro modos de elaboração de enredo, modos esses que acabará servindo de influência a Hayden White.

³⁶ Este modo de explicação sofre forte influência dentro das formas de leis putativas a relação de superestrutura e base de Marx.

única e até dispersa característica passada dos eventos, pessoas daquele determinado fato analisado; o *organicismo* identifica o passado em eventos sintéticos que isolados ou em uma pessoa, são apenas elementos do passado como outro qualquer, possui uma relação microcósmico-macrocósmico. O *mecanicismo*³⁷ já reduz o evento parte a parte para uma análise mais minuciosa sob leis deterministas, o *contextualismo* integra eventos, pessoas e ações através de conexões de redes de relações diversificadas.

A implicação ideológica³⁸ assume o papel de entender “a tomada de posição no mundo presente da práxis social e atuação sobre ele [...] tais prescrições vêm acompanhadas de aumentos que se arrogam a autoridades da ‘ciência’ ou do ‘realismo’” (WHITE, 1995, p. 36-37). Essa implicação mostra o *anarquismo* que busca por mudanças sociais rápidas e repentinas para fins de uma sociedade melhor, o *conservantismo* que não adere a mudanças repentinas se apoiando em evoluções da sociedade já existentes. Tem-se o *radicalismo* que já defende uma mudança radical da sociedade e o *liberalismo* que defende o percurso normal da sociedade para assegurar um modernismo moderado das mudanças em sociedade. (MUNSLOW, 2009)

White deixa claro o conceito de cada modo a qual o historiador vai poder operar com a tentativa de expressar sua intenção através de suas narrativas. O autor diz que o estilo historiográfico “representa uma *combinação* particular de modos de elaboração de enredo, argumentação e implicação ideológica” (WHITE, 1995, p. 43). Entretanto, ressalta-se que esses modos disponibilizados em alguns casos poderão sim sair desse padrão de combinação, mas nem sempre serão aceitos para descrição de determinados fatos do passado, pelo receio de distorção.

Nem sempre um enredo cômico poderá ser compatível ao argumento mecanicista, existem afinidades estabelecidas dentre esses vários modos. White apresenta essas possíveis afinidades representadas em no quadro a seguir:

³⁷ “White usa a conhecida relação entre a Superestrutura e a Infraestrutura, formulada por Marx, como exemplo de explicação por argumentação formal do tipo mecanicista, cujas transformações nas relações materiais de produção e existência (Infra-estrutura) condicionam as transformações nas instituições sociais e culturais (Superestrutura), mas que a relação contrária ou inversa não prevalece” (MELLO, 2008, p. 134)

³⁸ Já este modo de explicação sofre severa influência que segue as análises de Karl Mannheim, em quatro posições ideológicas básicas: anarquismo, conservantismo, radicalismo e liberalismo.

Quadro 1: Afinidade de modos.

Modo de elaboração de enredo	Modo de argumentação	Modo de implicação ideológico
Romanesco	Formista	Anarquista
Trágico	Mecanicista	Radical
Cômico	Organicista	Conservador
Satírico	Contextualista	Liberal

Fonte: WHITE, 1995, p. 44

Vale destacar que essas afinidades propostas por White dependerá muito do modo narrativo que cada historiador pretende seguir. Antes que o historiador realize sua interpretação através de seu aparato conceitual já exposto, cabe a ele primeiro fazer uma prefiguração do campo analisado, organizando este campo por meio da identificação da figura de linguagem da qual pertence.

Para fins de discernimento do historiador vale manter relação com as outras figuras para que se perceba logo de cara o problema a ser resolvido através dos modos disponíveis (WHITE, 1995). O problema do historiador será então:

Construir um protocolo linguístico, preenchido com as dimensões léxicas, gramaticais, sintáticas e semânticas, por meio do qual irá caracterizar o campo, e os elementos nele contidos, *nos seus próprios termos* [...] esse protocolo linguístico pré-conceitual será - em virtude de sua natureza essencialmente *prefigurativa* - caracterizável em função do modo tropológico dominante em que será vazado (WHITE, 1995, p. 45)

O historiador deverá prefigurar seu campo histórico a fim de conhecê-lo melhor e perceber o modo tropológico ali vazado. White diz que o ato de prefigurar além de poético é precógnito e pré-crítico, pois economiza a própria consciência do historiador, denunciando logo à qual figura pertence. Esses tropos assim “como modelos representacionais [...] pré-moldam nossas descrições dos dados, precedendo e prefigurando o enquadramento, o argumento e os níveis ideológicos de nossas narrativas históricas” (MUNSLOW, 2009, p. 207).

O objetivo será relacionar os dados e fatos a uma história coerente e digna de confiança, transformando o passado que não era familiar, em algo familiar. Ainda sobre os tropos disponíveis, White não diz ser regra a utilização de um único tropo na escrita, pois muitos tropos podem surgir ao longo da escrita, no entanto, o autor alerta que um único tropo deverá se sobressair sobre os demais.

4.2 White e seus críticos

Não faltaram críticas a Hayden White ao interpretar as narrativas à luz de seu método tropológico sobre o passado. Várias críticas foram lançadas ao seu livro *Meta-História*, pois o cenário proposto pelo autor se chocava com a ideia cristalizada de uma História cientificamente verdadeira. Hayden fez questão de responder algumas dessas críticas de forma direta, resultando em um cenário ainda mais polêmico, dadas a repercussão que isso gerava com sua tentativa de comprovar a confiabilidade de sua teoria.

Roger Chartier³⁹, dentre um de seus críticos, explora logo de início o paradoxo, existente no livro *Meta-História* que se baseava na: *tradição intelectual humanista* e o *movimento estruturalista*. Chartier enxerga uma incompatibilidade sobre a ideia humanística de libertar a história de seu fardo presente, pois: “é possível articular, sem grave contradição, a linguística pós-saussureana e a liberdade do historiador como criador literário?” (MARQUEZ, 2008, p. 132). Este autor via que dentro da proposta estruturalista existente na linguagem (ideia de forma e estrutura) não poderia se encaixar com a proposta de liberdade do historiador. O criador literário por mais que tivesse liberdade para suas criações sempre haveria de seguir regras e métodos, isso em algum momento bateria de frente com a aparente liberdade e o uso da linguagem que segue regras. Se até o literata faz uso de regras e métodos que estão dentro da linguagem, como poderia o historiador se libertar de seu fardo fazendo uso comum desta mesma linguagem?

Hayden, no entanto, rebate essa questão e diz que não menciona a ideia de uma relação *cosmo* aludido ao transcendental, mas de artefatos culturais, discursos, pois não pode haver uma contradição entre códigos linguísticos previamente existentes se esses códigos podem ter maior ou menor liberdade. White sustenta sua resposta dentro das ideias de Marx⁴⁰ sobre o problema da liberdade do indivíduo dentro de suas ações, sofrendo forte influência sobre tudo que o rodeia, isso permitiria facilmente a liberdade literária do historiador.

Chartier também contesta o *status* de ficcionalidade que White trás para dentro da escrita narrativa da história, questionando:

³⁹ Historiador francês atuante no campo da história cultural, ligado diretamente a uma das últimas fases dos Anales.

⁴⁰ Karl Marx foi um grande filósofo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. “White vale-se da maneira como Marx havia conciliado, numa famosa frase em ‘O Dezoito Brumário’, o problema da libertação de ação individual em meio às restrições exercidas pelos condicionamentos sócio-econômicos, morais e jurídicos, existentes antes do nascimento de cada indivíduo: ‘os homens fazem a sua história, mas não fazem como querem; eles não fazem sob circunstâncias escolhidas por eles próprios, mas sob circunstâncias diretamente encontradas, dadas, e transmitidas a partir do passado’” (MARQUEZ, 2008, p. 133). A mesma assertiva é válida para a produção dos discursos historiográficos dos historiadores

se a história produz um saber que é idêntico àquele gerado pela ficção [...] como considerar (e por que perpetuar) essas operações tão pesadas e exigentes que são a constituição de um *corpus* documental, o controle dos dados e das hipóteses, a construção de uma interpretação?” [...] “se a realidade dos fatos tramados não importa à natureza do saber produzida, a operação historiográfica não seriam tempo e pena perdido? (MARQUEZ, 2008, p. 135-136)

White afirma que o resultado que o historiador tem sobre as fontes não é instantâneo, assim como nas Ciências Naturais, inviabilizando a comprovação imediata e rigorosa que teriam se fosse possível aplicar os métodos empíricos de outras ciências à história. O autor ainda afirma que é papel do historiador escolher o tipo de discurso que quer apresentar os acontecimentos escolhidos por ele. Isso em uma perspectiva narrativa seria necessário aplicar o uso de técnicas que só se encontram dentro dos escritos literatos. As técnicas que o historiador deve se submeter são necessárias para que transforme os eventos disponíveis nos documentos em elementos de uma narrativa compreensíveis e não menos verdadeiras que serão os fatos.

Outro questionamento a White seria que sua teoria reduziria a escrita da história há um determinismo linguístico⁴¹, mas para White;

A teoria tropológica do discurso histórico parece obscurecer o fato de que uma obra histórica é um *relatório* dos fatos descobertos na pesquisa, das crenças do historiador quanto à verdade desses fatos, e da melhor argumentação que ele pode imaginar a respeito das causas, do significado ou da importância dessas verdades para a compreensão do campo de ocorrências que ele estudou. (WHITE, 1991, p. 12)

A defesa de White tenta mostrar que o historiador não é limitado a um determinismo linguístico, mas é livre para escolher diferentes estratégias de figuração. Já sobre a crítica de implicação da natureza do objeto de estudo do historiador apontar que os objetos não são encontrados no mundo real, mas inventadas pela linguagem, White diz que nem tudo é linguagem, fala discurso ou texto, mas sugere que a referencialidade e a própria representação através da linguagem vai além dessas antigas noções linguísticas.

Hayden ainda diz que “A teoria, numa palavra, enfatiza as funções poéticas (auto-referentes), conativas (afetivas) e sobretudo metalingüísticas (codificadoras) do discurso histórico às expensas de suas funções referenciais (predicativas), fáticas (comunicativas) e expressivas (autorais)” (WHITE, 1991, p. 13). O ponto é que em muitos casos a teoria tropológica do discurso acaba tratando a história como imprópria, como se ela trabalhasse

⁴¹ Traz a ideia de que a teoria de White através da sua análise linguística e estruturais das narrativas é limitada, privando assim o pensamento do indivíduo.

apenas com a ficção e isso derruba a confiança depositada na história sobre a descrição do passado.

Surge também a crítica de que na teoria tropológica da linguagem não poderia mais haver o apelo aos fatos para justificar ou criticar a interpretação da realidade. Entretanto, White explica:

Quando os críticos tropológicos analisam a estrutura tropológica de um texto, eles estão falando sobre *fatos* – fatos de linguagem, de discurso e de textualidade – mesmo se estão falando numa linguagem que sabem ser tão figurativa quanto literal. Eles estão se referindo a coisas que percebem ou acreditam perceber no texto, mesmo se estão se referindo tanto na maneira indireta da fala figurativa quanto na maneira direta da fala literalista (ASSIS; CRUZ, 2010, p. 116)

Essa questão não poderia ser verdadeira para White, pois esses fatos não seriam menos verdadeiros por estarem sendo usados dentro de uma estrutura tropológica que fornece figuras, pois mesmo usando a linguagem de forma direta ou indireta isso não a desvirtuaria da realidade, ou seja, não seria menos verdadeiro.

White ainda adverte que “a narrativa pode ser a própria alma do mito, mas isto porque o mito é uma forma de discurso linguístico, não porque a narrativa seja inerentemente mítica” (WHITE, 1991, p. 19). As narrativas constituem a escrita do passado da história são narrações míticas e literárias que são, no fim, figuras literárias não menos verdadeiras e muito menos nocivas para uma escrita comprometida com a verdade de um passado.

A. Dirk Moses, um dos críticos de White faz surgir à dúvida sobre a facticidade do Holocausto sobre a teoria tropológica, com isso aparece a seguinte questão: Há possibilidade de enquadrar qualquer evento passado em qualquer modelo tropológico sem gerar danos? Entretanto, White adverte que alguns tipos de narrativas em nossa cultura parecem não ser adequadas a certos conjuntos de eventos.

Um exemplo muito apontado por seus críticos é o Holocausto nazista que muito se viu ameaçado pelo modelo tropológico de White. Seu modelo poderia pôr em questão e até distorcer a importância desse fato que é sem dúvida a maior história de genocídio que o mundo vivenciou, inclusive dizimando inúmeras vidas. Esses tipos de eventos terríveis e marcantes só poderiam ser representados ou descritos sobre certas maneiras e cuidados.

Eventos desse gênero só se permitem um significado, esses acontecimentos não abrem espaço para outras discussões e significados que os ameace cair em um relativismo que retire sua importância enquanto marco na história. Muito se vale perguntar, usar da imaginação sobre esses tipos de eventos históricos seria tão inapropriado assim?

A única resposta que pode ser dada é que certas formas de imaginar o passado (como o Holocausto) pode indicar um nível de intolerância ou tolerância intelectual, até mesmo White sendo muito julgado reconhece os limites da representação que alguns eventos históricos precisam ter, nesses casos uma dose de prudência sempre será bem-vinda.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo mostrar as contribuições que Hayden White trouxe para dentro da Historiografia enquanto análise do papel da escrita da história relacionada à literatura. Vale destacar que White não destrói a dicotomia entre ciência e história ao fazer uso de elementos da retórica, mas ressalta a característica de proto-ciência que as narrativas têm como resultado do seu caráter retórico. Mesmo destacando que em sua teoria da história existem regras e métodos ele não deixa de ser visto como o responsável por abalar os pilares até então calmos do campo historiográfico, logo é culpado por trazer o relativismo para a História.

Hayden White tinha consciência que suas análises e teses não seriam bem recebidas pelos historiadores que apoiavam uma disciplina séria que é a História, no entanto, buscou demonstrar que sua própria teoria tropológica o ampara sobre uma cientificidade. O autor faz uso da ironia para provar que não estava buscando uma infinidade de interpretações, mas identificar através de um sistema os diferentes discursos que o historiador poderia criar através da linguagem.

O giro linguístico foi o ponto inicial para mudar consideravelmente o entendimento sobre a escrita da história, pois o sujeito antes central dentro da história com seus ideais de objetividade e neutralidade perde o foco que agora recai sobre os tipos de discursos utilizados nas narrativas do passado, a escrita do passado agora recebe destaque através da linguagem.

Percebemos ao longo da leitura desta dissertação, que as manobras de White só foram possíveis pelas influências que teve de diferentes movimentos e pensadores, mas vale destacar que essas influências aqui descritas são apenas algumas de várias outras que delimitam o trabalho deste autor.

A crítica literária que não deixa de estar relacionada com o Estruturalismo no segundo capítulo foi uma destas influências importantes para o desempenho de White. Será justamente a Crítica literária através de seus métodos e regras atravessada pelas contribuições de Saussure que trará um ar científico ao discurso do historiador. White usa dos benefícios da linguagem como seus tropos para fugir de um discurso marcado pela objetividade e neutralidade do historiador, a linguagem neste sentido começa a ter um papel de destaque encontrando seu lugar de fala através de sua vivacidade fora do campo neutro que antes era posta.

O Estruturalismo que se relaciona com a linguagem, também não deixou de marcar suas contribuições na carreira de White. Este movimento trouxe a percepção de que entender a História como dona de uma cientificidade inabalável era injusta de acordo com Lévi-Strauss, pois o historiador fazia uso constante de sua ideologia.

Percebe-se, inclusive, a semelhança que os mitos teriam com a escrita da história, pois assim como os mitos se definem por relações dentro de uma análise lhe dando significados, com a história não seria diferente, pois necessitaria tornar inteligível esse mundo dos signos através de sua interpretação.

Destacamos que nossa tentativa não é enaltecer a positividade ou negatividade das teorias de White, mas sim nos tirar da nossa zona de conforto ao destacar as contribuições que a linguagem trouxe para dentro da escrita da História. Observamos que discutir o paralelo sobre as ideias de White e as críticas que lhe são lançadas é o meio mais viável, pois possibilita cada um ter seu ponto de vista e concluir por si mesmo até que ponto as ideias deste autor são relevantes.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **História: A arte de inventar o passado (ensaios de teoria da história)**. Curitiba. Editora Appris, 2019.
- ARAÚJO, George. Considerações sobre as relações entre estruturalismo e história. **OPISIS**, Catalão, v. 11, n. 2, p. 153-166, 2011.
- ASSIS, Gabriella Lima. Hayden White entre a história e a literatura. **Albuquerque: revista de história**, Campo Grande, MS, v. 4, n. 8, 2012.
- ASSIS, Gabriella Lima; CRUZ, Marcus Silva. Desconstruindo a História: Hayden White e a escrita da narrativa. **Revista Mosaico-Revista de História**, Ufmt, v. 3, n. 1, p. 111-118, 2010.
- BARROS, José D.'Assunção. A escola dos annales e a crítica ao historicismo e ao positivismo. **Revista Territórios e Fronteiras**, v. 3, n. 1, p. 73-103, 2010.
- BARROS, José D.'Assunção. Objetividade e subjetividade no conhecimento histórico: a oposição entre os paradigmas positivista e historicista. **TEL Tempo, Espaço e Linguagem**, p. 73-102, 2010.
- BARROS, José D.'Assunção. Ranke: considerações sobre sua obra e modelo historiográfico. **Diálogos**, v. 17, n. 3, p. 977-1005, 2013.
- BARROS, José D.'Assunção. **Teoria da História, vol. II: Os primeiros paradigmas: positivismo e historicismo**. Editora Vozes Limitada, 2013.
- BARROS, José D.'Assunção. **Teoria da história-Vol. IV: Acordes historiográficos: uma nova proposta para a Teoria da História**. Editora Vozes Limitada, 2017.
- BENTIVOGLIO, Julio. **História e narrativa na historiografia alemã do século XIX**. Anos 90, Porto Alegre, v. 17, n. 32, p. 185-218, 2010.
- BENTIVOGLIO, Julio; DE SÁ AVELAR, Alexandre. **Afirmção da história como ciência no século XX: De Arlette Farge a Robert Mandrou**. Editora Vozes, Petrópolis, 2016.
- BUCKLE, Henry Thomas. **História da civilização na Inglaterra**. American Journal of Psychiatry, New York, v. 18, n. 1, pág. 70-80, 1861.
- CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: Morar, cozinhar**. Petrópolis, v. 12, 1998.
- CEZAR, Temístocles. Hamlet Brasileiro: ensaio sobre giro linguístico e indeterminação historiográfica (1970-1980). **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 8, n. 17, 2015.
- CULER, Jonathan. **Barthes: Breve introdução**. OUP Oxford, 2002.

DILMANN, Mauro. **História e Teoria: historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade**. Belo Horizonte, 2006.

DOSSE, François. **História do Estruturalismo: O campo do signo**. Vol. I. Editora da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 1993.

DOSSE, François. **História do estruturalismo: o canto do cisne**. Editora da Universidade Estadual de Campinas. São Paulo. 1994.

FONTES, Flávio Fernandes. **O que é a virada linguística?** Trivium-Estudos Interdisciplinares, v. 12, n. 2, p. 3-17, 2020.

FUNARI, Pedro Paulo. GLAYDSON, José da Silva. **Teoria da História**. São Paulo. Brasiliense, 2008.

GARCHET, Helena Maria Bomeny. Teoria literária e escrita da história. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 21-48, 1991.

KERN, Daniela. **Hayden White e o pluralismo histórico**. História (São Paulo), v. 29, p. 278-288, 2010.

KOSELLECK, Reinhart; PRESNER, Todd Samuel. **A prática da história conceitual: história do tempo, conceitos de espaçamento**. Imprensa da Universidade de Stanford, 2002.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis, Vozes, 1982.

MALERBA, Jurandir. **História e narrativa: a ciência e a arte da escrita histórica**. Editora Vozes, Petrópolis, 2016.

MARQUEZ, Rodrigo Oliveira. **Teoria da História: Hayden White e seus críticos**. 2008.

MARQUEZ, Rodrigo Oliveira. TRÊS POLÊMICAS COM HAYDEN WHITE. **rth**, v. 5, n. 1, p. 54-82, 2011.

MELLO, Ricardo Marques. Teoria do discurso Historiográfico de Hayden White: Uma introdução. **OPIS**, v. 8, n. 11, p. 120-145, 2008.

MUNSLOW, Alun. **Desconstruindo a história**. Editora Vozes, Petrópolis, 2009.

OLIVEIRA, Enilson Pereira. Considerações sobre a Escola dos Annales: o debate entre Peter Burke e François Dosse. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História-ANPUH**, São Paulo, 2011.

PIAGET, Jean. **O Estruturalismo** (Tradução: Moacir Renato de Amorim). São Paulo: Ed. Difel, 1968.

RABELLO; RODRIGUES. Prova documental: inscrições e materialidade. **documental proof: inscriptions and materiality**. **Tendências da pesquisa brasileira em ciências da informação**, v. 7, n.2, jul./dez. 2014.

RANGEL, Marcelo; ARAUJO, Valdei Lopes. Apresentação-Teoria e história da historiografia: do giro linguístico ao giro ético-político. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Universidade de Brasília, v. 8, n. 17, 2015.

REIS, José Carlos. **A história, entre filosofia e ciência**. Editora ática, São Paulo, 1996.

REIS, José Carlos. História da História (1950/60). História e Estruturalismo: Braudel versus Lévi-Strauss. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, v. 1, n. 1, p. 08-18, 2008.

REIS, José Carlos. História e verdade. **Síntese: Revista de Filosofia**, v. 27, n. 89, p. 321-348, 2000.

REIS, José Carlos. O Historicismo: a redescoberta da História. **Locus: Revista de História**, v. 8, n. 1, 2002.

RIZZO, Marcelo Augusto Parrillo. **A história de Meta-história: um estudo sobre a teoria da história de Hayden White**. 2009. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em História), Goiânia: UFG

SAMPAIO, Isanara. **A narrativa histórica em Paul Ricoeur: apoio filosófico aos novos tempos historiográficos**. UFMA, São Bernardo (MA) 2018.

SCHOLTZ, Gunter. O problema do historicismo e as ciências do espírito no século XX. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 4, n. 6, p. 42-63, 2011.

SILVA, Rogério Forastieri. A história da historiografia e o desafio do giro linguístico. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 8, n. 17, 2015.

STEPHEN, GREENBLATT. O novo historicismo: ressonância e encantamento. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 244-261, 1991.

STONE, Lawrence. O ressurgimento da narrativa: reflexões sobre uma nova velha história. **Revista de história**, v. 2, n. 3, p. 13-37, 1991.

WHELING, Arno. **O texto histórico como artefato literário. Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo, EDUSP/Universidade de São Paulo, p. 97-115, 1994.

WHITE, Hayden. A questão da narrativa na teoria histórica contemporânea. **Nova história em perspectiva**. São Paulo: Cosac Naify, v. 1, p. 438-483, 2011.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso-ensaios sobre a crítica da cultura**. Edusp, 2001.

WHITE, Heyden. **Meta-história: a imaginação histórica do século XIX**. São Paulo: Edusp, 1995.